



UNILAB

Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

CAMPUS DOS MALÊS

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS

CURSO DE LETRAS

JANICA ZAIDA LOPES NDELA

**NIKETCHE, UMA REPRESENTAÇÃO DA
HIERARQUIA DE GÊNERO NOS
CONTEXTOS AFRICANOS**

São Francisco Do Conde-BA

2018

JANICA ZAIDA LOPES NDELA

**NIKETCHE, UMA REPRESENTAÇÃO DA
HIERARQUIA DE GÊNERO NOS
CONTEXTOS AFRICANOS**

Trabalho de conclusão do curso apresentado ao curso de licenciatura em letras na universidade da Integração Internacional da lusofonia afro-brasileira como Requisito à obtenção do Título da licenciatura em letras da língua portuguesa.

Orientadora: Dra. Vania Maria Ferreira Vasconcelos

São Francisco do Conde-BA

2018

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

N249g

Ndela, Janica Zaida Lopes.

Gênero como categoria de análise no romance Niketche : uma história de poligamia / Janica Zaida Lopes Ndela. - 2018.

61 f.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2018.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vânia Maria Ferreira Vasconcelos.

1. Identidade de gênero na literatura. 2. Literatura moçambicana. 3. Poligamia. 4. Teoria feminista. I. Niketche - Crítica e interpretação. II. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 896.09

JANICA ZAIDA LOPES NDELA

**NIKETCHE, UMA REPRESENTAÇÃO DA HIERARQUIA
DE GÊNERO NOS CONTEXTOS AFRICANOS**

Trabalho de conclusão do curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito à obtenção do título da Licenciatura em Letras da Língua Portuguesa.

Data de aprovação: 10 de outubro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Vânia Maria Ferreira Vasconcelos (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof.^a Dr.^a LÍlian Paula Serra e Deus

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof.^a Dr.^a Carla Verônica Albuquerque Almeida

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Dedicação

Dedico esse trabalho a minha amada mãe Quinta Cumatcha (Ndela), a mulher que lutou vida toda para me garantir um futuro melhor. Por nunca me deixar faltar amor, carinho e respeito. Por reconhecimento da sua luta, pela coragem que teve de abrir mão da sua formação, a fim de trabalhar para me garantir uma formação de qualidade na escola particular, mesmo com dificuldade, não desistiu. Graças aos seus puxões de orelhas nas horas de fazer dever de casa, e à sua habitual frase: “Jani, seu marido é a escola. tente novamente, concentre aqui no caderno e deixe de pensar nas brincadeiras com os colegas lá fora, sei que vai conseguir fazer essa atividade, é só se concentrar aqui. Vamos lá!” Essa vitória seria completa se essa guerreira tivesse vida para comemorar comigo, mas ao mesmo tempo sinto ela presente na pessoa da Idalina Antônio José, que considero segunda mãe, por estar sempre presente na minha vida desde adolescência até hoje, sempre tentando realizar os sonhos da Quinta Cumatcha com carinho, conselhos e animações. Me fazendo rir mesmo nos momentos mais tristes da minha vida. Enfim, dedico esse trabalho a Idalina Antônio José por ser essa benção na minha vida.

Por último, dedico esse trabalho ao meu falecido primo, Fernando Cumatcha Ndela por ter desempenhado papel de segundo pai na minha vida, pelo carinho e força que me deu nos momentos mais difíceis da minha vida. Por lutar dia e noite para me ver crescendo feliz e amiga dos livros e não dos pratos.

Agradecimentos

Meus agradecimentos primeiramente ao Deus onipotente, ao Filho Redentor, a virgem Maria e aos meus antepassados, pela graça, sabedoria, proteção e por essa vitória.

Cordialmente agradeço a minha incomparável orientadora, professora Dra. Vania Maria Ferreira Vasconcelos, porque sem ela esse trabalho não teria vida. Minha eterna gratidão a ela pela paciência, pela dedicação, pelo carinho e por me ter ajudado a descobrir essa área de gênero dentro da literatura.

Meus agradecimentos a toda minha família biológica de maneira especial a minha amada mãe Quinta Cumatcha, ao meu pai Domingos Lopes pela benção. A minha segunda mãe, Idalina Antônio José por estar presente em todo meu percurso acadêmico. As minhas tias pelo apoio que me deram, de maneira especial a Maria Sábado Ndela, Sábado, Bicine, Celestina (mana Cé), Cadidjatu Djaló, Nanda Cumatcha, Jorgina Quadé e Saly Mané. Aos meus tios: Paulo Lopes que sempre me deu apoio em todos os sentidos e sua benção, ao Anifa Da Silva pelas oportunidades, Yala Mansonca pelo apoio em todos os sentidos e Diogo pelo meu bem-estar.

As minhas primas que sempre usam rede social para me dar forças nos estudos: Sindatche Indela Batista, Edizilda Augusto Malú, Zanda Malú, Amélia.

Aos meus primos Edigar Luca Tony por ser aquele primo amigo e que sempre fez de tudo para o meu progresso acadêmico, ao Pedro Lopes, Usony Malú pelo apoio e carinho.

Ainda agradeço as minhas outras mães: Inês Fernandes, Lourdes Amaral e a Valdeliza (dona Dedeu) pela força e carinho.

A minha enorme gratidão aos reverendíssimos padres que me apoiaram no momento que mais precisei: Almiro Mendes, Djaquité, Marcos Baliu Simbando, Lino Correia, Alberto

Aos meus herdeiros: Rachide Lopes, Junior Lopes, Aladje Lopes, Wali Bodjam.

A minha eterna gratidão aos manos atenciosos que me acompanharam nessa luta, e com muito carinho: Edikelson Da Veiga, Salvador Gomes, papito Papa Fernando Sufre Quadé, ao Joane Macieira, Hipólito Mendes, Beto Infande, Adulai Djabi, Abeúca Antônio Ano Mendes e ao inesquecível irmão Jaílson Tugna Mbaná Branco e ao amigo Sene Cassama.

De maneira respeitosa, agradeço a mana Florita Telo pela brilhante contribuição no meu progresso acadêmico.

Agradeço imensamente aquelas amigas /irmãs que estiveram do meu lado nos momentos mais difíceis desse percurso acadêmico: Edna da Costa, Katia Antônio, Marina

Badinca, Idilaida Sanca, Alzira Sanca, Adalgiza Banora, Daniela Evora, Tania Marina, Kadi Turé, Tania Correia Jaló, Ariana Almeida Pinto, Margarida Bendo, Locarine Mendes Oncampo, Milagre Nanque, Irene Lopes, Segunda Cá, Adalgiza Alvesco, Baname Coutinho Sampa.

Minha gratidão a família Amaral na pessoa da Silvana Amaral e Flaviana Amaral por me acolherem na sua família. Ao meu padrinho Paulo Reinol pelo carinho e por ter acompanhado todo esse meu percurso acadêmico.

De maneira especial e incomparável, meu agradecimento vai para Maurilho Da Silva Saldanha (Mótkhi). Pelo amor, carinho, respeito e por ser essa benção em minha vida.

Meus sinceros agradecimentos a família Unilab de campus dos Malês, aos meus colegas da primeira turma de letras, de maneira particular aos meus amigos Ivo Aloide Bobadja e Noé Vitorino Vermelho Có, as minhas irmãs Vanita Baldé e Rosa Assanatu Baldé, Edsana Santos, Emily Sampaio Veloso, aos meus inseparáveis irmãos Baticã Ensa Mané, Bernardo Alexandre Intipe, Gerônimo Pereira, Valdo Campel Malú, João Dito Sambu, André Juel, Albertino Nsumté Indi.

Minha eterna gratidão aos afiliados(as), irmãs(os) que ganhei na Unilab, pessoas que sempre me deram forças para persistir na luta, durante esses 4 anos na Unilab. Pessoas que graças as suas doçuras, a minha vida ganhou o sabor: Rosiane Martins, Katia Manuel, Noémia Monteiro, Sandra Nancassa, Lauci Correia, Milanca Cabral de Brito, Elvira Mata, Solange Cabral, Sara Salvaterra, Edneusa Diamantino Cá, Aldine Valente, Idrissa Cassama, Nadesda Augusto Monteiro, Natalia Ernesto Cá, Naentrem Sanca, Manuela Gomes Pereira, Itelvina Fernandes, Daniel Tchuda, Nádia Augusto Monteiro, Sara Fabricia Texeira, Adaysam Neto, Patrícia Inzalé, Maria Almeida, Paulla Celeste da Silva Lino, Paloma Macedo dos Anjos, Dennise Ramos, Roberto Có, Flávio Rosário, Valdir Bicale Gracilinda Jaú, Aldine Valente, Jamile Santana, Jeyse Rodrigues, Aparício Marques Vieira, Aua Cassama, Calido Mango, Magnusson Da Costa, Aila Antônio Gomes, Rafaela Bacelar Santos, Jacica Fernandes, Giselle Mendes, Sonia Amada, Jacira Nhaga. Yacine Tavares, Braima Seide, Isnaba Antônio Ano Mendes, Binto Traule, Bartolomeu José E. Agostinho, Aniusia Nima Nghabo, João Eusébio Imbatene, Filipe Buba Nhaba, Carlitos Nansambe, Zinha Nanque, Vitória Có, Aniusia Nima Nghabo, Cidália Tavares, Teresa Mandabu, Vania Tavares, Danilson Veiga, Nivaldo Casimiro Ié, Luiz Fernando Junior, ao meu amado irmão Alfa dos Santos e aos meus amados afilhados Flávio Rosário e ao Valdir Bicale.

Como gesto de reconhecimento do aprendizado que tive fora da sala de aula, aproveito agradecer a todos os membros do Coletivo das mulheres africanas (CMA), da

Associação de estudantes e amigos de África (ASEA), e da gestão todas as Vozes (DCE/Unilab), em fim de maneira geral agradeço imensamente a comunidade Sanfranciscana pelo bom acolhimento, apesar de alguns serem preconceituosos. Ainda, aproveito para agradecer todos os fiéis da igreja Matriz da paróquia de São Gonçalo da diocese de Camaçari de maneira especial a coordenadora do conselho paroquial Dona Dedeu, ao Frei Wilson e ao Frei Rogério.

A minha gratidão ao pessoal da empresa responsável pela limpeza do campus dos Malês, de maneira especial a tia Leny, a Tais, Andreia.

Aos técnicos e servidores públicos do Campus: Leyla, Dilson, Márcio, Lislane, Cintia, Nein, Paulo, Dart, Reinaldo, Silvia, Marlon, Lailson, Marcos, Márcio, Edneusa, João, Helka, Fernanda e Daniela. Sem deixar de agradecer a Tia Francisca do restaurante Universitário pela força e carinho que me deu ao longo dessa caminhada acadêmica.

Por outro lado, agradeço a categoria Docente por terem me orientado diversas vezes para desenvolvimento da minha capacidade, dentro e fora da Universidade. Entre eles: Paulo Sérgio Proença, Fábria Barbosa Ribeiro, Carlindo Fausto Antônio, Lídia Lima, Ismael Tcham, Denílson Lima, Rute Andrade, Ricardo Matheus Benedicto, Idalina Freitas, Eduardo Ferreira dos Santos e Lílian Paulo Serra de Deus.

A mulher é forte como as rochas do monte Vumba. Suave como as ervas dos prados. Generosa e fértil como as terras negras do vale do Zambeze. Benevolente como um campo de milho. Venenosa como as lavas do Etna. Altiva como o Quilimanjaro. Incômoda e traiçoeira como as brumas do Saara. Ela é a profetisa da eternidade, que revela o passado, o presente e o futuro, quando profundamente escavada pelas mãos mágicas de um bom arqueólogo.

(Paulina Chiziane ed. 2004, pg.277)

Madre nossa que estais no céu, santificado seja o vosso nome. Venha a nós o vosso reino das mulheres, claro —, venha a nós a tua benevolência, não queremos mais a violência. Sejam ouvidos os nossos apelos, assim na terra como no céu.

(Paulina Chiziane ed. 2004, pg. 68)

Resumo

Esse trabalho apresenta o debate sobre o papel da educação informal na construção da hierarquia de gênero nos contextos africanos, a partir do Romance **Niketche: Uma História De Poligamia** (ed. 2004) da autora moçambicana Paulina Chiziane. De acordo com a pedagoga brasileira Maria Gloria Bordini, no seu artigo **Estudos Culturais e Estudos Literários** (2006), os Estudos Culturais surgiram pela insuficiência teórico-literária dos anos 50 /60, para dar explicação aos textos nos novos contextos, herdados do Formalismo Russo e do New Criticism. Assim, utilizamos as reflexões de outras áreas das humanidades, como a filosofia e a pedagogia para analisar o romance **Niketche**. Partindo de uma leitura geral, compreende-se uma certa distância entre o comportamento dos meninos/homens e das meninas/mulheres, na medida em que os meninos desfrutam de um certo privilégio social, enquanto que as meninas não. O resultado desse privilégio masculino está representado no romance **Niketche**, que vai nos possibilitar um debate, a partir da sociedade moçambicana, que nos permitirá discorrer sobre o mesmo tema apresentado por outros estudos sobre outros contextos africanos. Utilizando como referência dados apresentados pela historiadora guineense Patrícia Godinho Gomes no artigo **As Mulheres Do Sector Informal. Experiências Da Guiné-Bissau** (2012) e do **Manual Da Igualdade e Equidade de Gênero, do especialista guineense em gênero Helder Duarte Baticã** (2015), compreende-se a partir das sociedades guineenses que a diferença entre homens e mulheres se verifica desde infância. Como possibilidade de criar um diálogo entre as culturas moçambicanas com as lutas das mulheres africanas pela liberdade de opressão, usamos a obra **Além Do Determinismo: A Fenomenologia Da Existência Feminina Africana** (2003) da autora nigeriana Bibi Bakare Yusuf. Nos apoiamos ainda na obra **“Para educar crianças feministas” da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie** (2017) para, a partir de algumas sugestões da Adichie a amiga Ijeawele, pensarmos na possibilidade de transformação de alguns ensinamentos de educação informal (família) voltada a igualdade de gênero. Desta forma, trataremos da discussão sobre a hierarquia de gênero contida no romance **Niketche**, iluminando essa discussão com as ideias e dados trazidos pelos textos mencionados.

Palavras chaves: Identidade de gênero na literatura. Literatura moçambicana. Niketche - Crítica e interpretação. Poligamia. Teoria feminista.

ABSTRACT

This paper presents the debate on the role of informal education in the construction of the gender hierarchy in African contexts, based on the *Niketche: A History of Polygamy* (ed. 2004) by Mozambican author Paulina Chiziane. According to the Brazilian pedagogue Maria Gloria Bordini, in his article *Cultural Studies and Literary Studies* (2006), the Cultural Studies arose because of the theoretical-literary insufficiency of the 50s / 60s, to explain the texts in the new contexts inherited from Russian Formalism and New Criticism. Thus, we use the reflections of other areas of the humanities, such as philosophy and pedagogy to analyze the novel **Niketche**. Starting from a general reading, a certain distance is understood between the behavior of the boys / men and the girls / women, insofar as the boys enjoy a certain social privilege, whereas the girls do not. The result of this male privilege is represented in the novel **Niketche**, which will allow us a debate, from the Mozambican society, which will allow us to discuss the same theme presented by other studies on other African contexts. Using as reference data presented by the Guinean historian Patrícia Godinho Gomes in the article **Women of the Informal Sector. Experiences From Guinea- Bissau** (2012) and the **Gender Equality and Equity Manual**, by the Guinean gender expert Helder Duarte Baticã (2015), understands whether from Guinean societies the difference between men and women has been observed since childhood. As a possibility to create a dialogue between Mozambican cultures and the struggles of African women for freedom of oppression, we use the work **Beyond Determinism: The Phenomenology of African Female Existence** (2003) by the Nigerian author Bibi Bakare Yusuf. We also support the work "**To educate feminist children**" by the Nigerian author Chimamanda Ngozi Adichie (2017), so that, from some suggestions of Adichie the friend Ijeawele, we think about the possibility of transforming some informal education education (family) aimed at equality of gender. In this way, we will deal with the discussion about the genre hierarchy contained in the novel **Niketche**, illuminating this discussion with the ideas and data brought by the mentioned texts.

Keywords: Feminist theory. Gender identity in literature. Mozambican literature. *Niketche* - Criticism and interpretation. Polygamy.

SUMÁRIO

Introdução	2
Capítulo I	3
1. Conceitos da Educação	4
1.1. Educação Formal	5
1.2. Educação Informal	7
1.3. Educação Não Formal	8
Capítulo II	8
2. Relação de Gênero	8
2.1. Conceitos Introdutórios de Gênero	8
Capítulo III	18
3. Gênero na perspectiva africana	18
3.1 Educação Informal e Gênero	23
Capítulo IV	27
4. Romance Niketche: uma história de poligamia	27
4.1 Apresentação da autora e do romance	27
4.2 Ficção moçambicana como a representação das teorias estudadas	43
Conclusão	45
Referência Bibliográficas	56

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa debater as relações entre educação e os gêneros sociais. Discutiremos, a partir de teóricos da educação e gênero, como essas realidades se relacionam. Trabalharemos por fim essas teorias na análise da representação da mulher no romance **Niketche: Uma História De Poligamia (2004)** da autora moçambicana Paulina Chiziane. O trabalho está dividido em quatro capítulos:

O propósito do primeiro capítulo é compreender o conceito da educação partindo dos pedagogos: Marcos António Lorieri (2002), Alberto Gaspar (1990), Paulo Freire (2001), Odete Costa Semedo (2011) e Lourenço Ocuni Cá (2000).

No segundo capítulo, discutiremos conceitos introdutórios de gênero, partindo dos primeiros debates Ocidentais sobre gênero como categoria de análise. Usamos como referência Gayle Rubin (1993) e Joan Scott (1989) para entender historicamente como se deu o gênero como categoria de análise e os lugares de construção da hierarquia de gênero.

Debateremos, no terceiro capítulo, gênero a partir da perspectiva africana. Para facilitar análise do romance o nosso debate foi conduzido segundo as reflexões da obra de Bibi Bakare Yusuf (2003) Oyérónké Oyéwúmí (2014). Usamos também como referência os dados e conclusões do **Manual da Igualdade e Equidade de Gênero** do autor guineense Helder Duarte Baticã (2015) e a partir disso entendemos outras possibilidades de desigualdades de gênero. Dessa forma, juntamos essas informações para avaliar historicamente a forma como acontece a desigualdade de gênero nas diversas famílias. Discutiremos as perspectivas de transformação da educação informal numa educação voltada a igualdade de gênero, tomando como suporte as sugestões deixadas pela escritora Chimamanda Adichie (2017) na obra **Para Educar Crianças Feministas**.

E no quarto e último capítulo, analisaremos o romance **Niketche**, de Paulina Chiziane, para entender a construção de hierarquia de gênero e as diversidades existentes entre as mulheres moçambicanas a partir da representação no romance. De maneira específica, esse capítulo discute o processo de empoderamento das mulheres e os desafios que elas enfrentam perante as tradições culturais e as exigências dos feminismos. Esse novo olhar sobre a educação e empoderamento das mesmas vai permitir uma reflexão com relação a forma como estão organizadas as sociedades africanas hierarquicamente, e também vai contribuir na promoção da igualdade de gênero nas realidades africanas. A equidade de gênero pode ser uma das principais chaves do desenvolvimento de qualquer que seja a sociedade em diversos aspectos, pois a igualdade de gênero vai gerar liberdade, justiça social, mais produção

econômica, combate à pobreza e diminuição da taxa de mortalidade feminina.

CAPÍTULO -I

1. CONCEITOS DA EDUCAÇÃO

Compreendemos que a educação é um dos elementos que estabelece a ordem e a transformação social, e essa transformação pode ser para o progresso ou retrocesso social, dependendo do tipo de educação que é oferecida, como ela é oferecida, o seu contexto social, a sua intenção, para quem ela é oferecida e o período em que ela acontece. Sendo assim, o pedagogo Marcos Antônio Lorieri (2002) definiu a educação de seguinte maneira:

Educação, em sentido amplo, é o conjunto de modificações que ocorre em qualquer pessoa, com base nas relações que se estabelece com outras pessoas. Tais relações são sempre mútuas, recíprocas. Os seres humanos relacionam-se, também, com outros seres da realidade, que não seres humanos: essas relações por sua vez, são modificadoras dos seres humano e, portanto, em certo sentido, educadoras (LORIERI,2002, p.27).

A educação, sendo uma das forças modificadoras da sociedade, interfere na constante mudança social e pessoal, independentemente do tipo de conhecimento que ela produz. Assim como a educação de maneira geral desempenha papel importante na formação do indivíduo e da sociedade, também varia de acordo com o tempo, com as sociedades, e também de acordo com fatores tais como: faixa etária, gênero, classe social ou mesmo decorrente da finalidade do ato educacional. Pode se constatar que, historicamente, o processo educacional aconteceu em algumas sociedades de maneira desigual, sobretudo no que diz respeito às classes e gêneros sociais.

Conforme afirma o pedagogo Paulo Freire (2015), a educação é um processo de produção de conhecimento, por isso deveria ser oportunizado para todos de maneira igualitária.

-A educação é sempre uma certa teoria do conhecimento posta em prática [...]. Assim, educação seria uma concepção filosófica e/ou científica acerca do conhecimento colocada em prática. Alguém que praticasse uma concepção de conhecimento estaria -fazendo educação. Educar seria promover a prática de uma teoria sobre o conhecimento (COSTA DA S. J. José ,2015, p.75 apud PAULO FREIRE, 2003, p.40).

Conforme havia dito no início, a educação varia de acordo com outros fatores. Para entender a influência desses fatores nas alterações dos processos educativos, podemos recorrer aos acontecimentos marcantes na era da modernidade, capitalismo e expansão europeia. Percebe-se que a educação em alguns dos países colonizados, sofreu alterações significativas e passou a ganhar novos propósitos. Isso se torna visível à medida que a ideologia eurocêntrica² conduziu as mudanças na orientação educacional. A educação formal passou a ser a mais reconhecida e respeitada porque era uma educação valorizada pelo colonizador. Com isso ela passou a ser diferenciada de acordo com as classes sociais, raças e gênero.

Freire, no seu livro **Pedagogia dos Sonhos Possíveis (2001, p.98)**, explica que a educação tem seus limites, o que lhe impede de ser a única arma de transformação social:

A educação não é a chave, a alavanca, o instrumento para a transformação social. Ela não o é, precisamente porque poderia ser.[...] o que quero dizer é que a educação é limitada, a educação sofre limites. Aliás, isso não é privilégio da educação, não há prática humana que não esteja submetida a limites, que são históricos, políticos, ideológicos, culturais, econômicos, sociais, limites de competências do sujeito ou dos sujeitos, limite de sanidade do sujeito; há limites que fazem parte da natureza da prática e há limites que estão implícitos na natureza finita dos sujeitos da prática.

Freire pretende mostrar que, a educação mesmo sendo uma das principais ferramentas para a transformação social, não pode sozinha transformar a sociedade, devido às limitações individuais e contextuais. As limitações individuais podem ser percebidas de acordo com a ideologia defendida pelos educadores, as intenções ou mesmo as limitações de cada um. Enquanto que as limitações contextuais são relacionadas aos obstáculos sociais, políticos e culturais. Isso pode nos levar a concluir que, por outro lado, a dominação europeia impediu o desenvolvimento das sociedades africanas por causa da ideologia eurocêntrica. À medida que os colonizadores desconsideravam os conhecimentos e os ensinamentos produzidos pelos povos locais antes das suas chegadas, considerando como válidos apenas aquilo que eles produziam.

² É a ideologia que considerava a cultura, o conhecimento e o homem europeu como sendo melhores do mundo.

1.1 EDUCAÇÃO FORMAL

Na tentativa de distinguir as diversas possibilidades que uma educação possa acontecer, o pedagogo brasileiro Alberto Gaspar (1996) entende que ela acontece de três maneiras diferentes sendo elas: a formal, informal e não formal.

Para Gaspar, a educação formal é aquela “com reconhecimento oficial, oferecida nas escolas em cursos com níveis, graus, programas, currículos e diplomas, costuma ser chamada de *educação formal*” (GASPAR,1990, p.171).

Esse tipo de educação segundo Gaspar, acontece de maneira formal e intencional. Sendo reconhecida oficialmente, e todo o conhecimento a ser ensinada deve ser cientificamente comprovado. Essa educação deve acontecer num determinado lugar como, escolas, centros de formações, universidades, salas de palestras, laboratórios e mais espaços de caráter formal. Realizada por profissionais de determinadas áreas de conhecimento, denominados professores. Mas esse modo de educar, segundo o pedagogo Paulo Freire (1996) no livro **Pedagogia da Autonomia**, é uma troca, pois o educador não deve estar preparado somente para ensinar, mas sim também para aprender. O papel de um professor, nesse tipo de processo educativo, deve ser de orientar o(a) aluno/a, de criar condições que levam o(a) aluno/a a produzir o conhecimento ou desenvolver a sua capacidade. Nesse caso, a relação de poder entre o educador e o aluno deve ser horizontal, em que professor possa ser orientador. Esse ato educativo se baseia nos documentos científicos como livros, currículo do ensino, resultados de pesquisa científicas, materiais didáticos. Portanto, ela é uma educação planejada e com certo objetivo para atender uma certa demanda social e é baseada na formalidade.

Retomando o debate sobre educação oferecida pelos colonizadores aos colonizados, podemos entender que a intenção que os colonizadores tinham ao oferecer a educação formal para alguns nativos tinha a finalidade de conseguir intermediários e aliados capazes de facilitar o domínio colonial. Como mostra a pedagoga guineense Cristina Mandau Ocuni Cá, a partir do Mendy:

Necessitamos de escolas em África, mas escolas nas quais mostramos ao indígena o caminho da dignidade do homem e da glória da nação que o protege [...]. Queremos ensinar os indígenas a escrever, ler e contar, mas não fazer deles doutores (CÁ Cristina,2015, apud MENDY, 1994, p. 316).

O relato apresentado pela Cristina Cá, é a prova de que a verdadeira intenção dos

colonizadores com a educação formal que ofereciam nas colônias africanas, não passava de um meio de afirmação de domínio portuguesa. Pois, ofereciam educação formal com intenções de reforçar a dominação colonial, impor a língua portuguesa, assim como a cultura europeia. Os beneficiários dessa educação acabaram se transformando em assimilados, incapazes de resistir ao domínio europeu. No caso da Guiné Bissau por exemplo, durante a luta da independência o partido da independência da Guiné e Cabo-verde (PAIGC) criou as suas próprias escolas dentro dos seus quartéis nas zonas³ libertadas. Também mandavam jovens para formação na antiga União Soviética e em Guiné-Conakry a fim de terem uma formação diferente com a dos colonizadores. Confirmou Carmen Pereira na sua entrevista ao jornal DW (MADE FOR MIND) no dia 30 de agosto do ano 2014. Ela foi a primeira presidente da Assembleia Nacional Popular (ANP) da Guiné-Bissau e também a única mulher a ocupar, interinamente, a cadeira da Presidência do país em 1984. –Entre o período de 1963-1973, a educação tinha como finalidade –formar os cidadãos para a luta da independência. Devido a necessidade da luta pela independência, a educação guineense passou a ter esse propósito de formar cidadãos capazes de pensar na libertação da Guiné e Cabo Verde. Conforme apresenta Pereira (1977):

Em 10 anos, o PAIGC⁴ formou muito mais quadros que o colonialismo em 5 séculos. Em 10 anos, de 1963 a 1973, foram for⁵mados os seguintes quadros do PAIGC: 36 com curso superior, 46 com curso técnico médio, 241 com cursos profissionalizantes e de especialização e 174 quadros ⁴ políticos e sindicais. Em contrapartida, desde 1471 até 1961, apenas se formaram 14 guineenses com curso superior e 11 ao nível do ensino técnico. (Ocuni Cá, 2000, apud Pereira,1977: 106-107).

O maior número de formandos apresentado pelo PAIGC sustenta mais uma vez a tese de que a educação oferecida pelos colonizadores aos colonizados não era para formá-los para serem doutores, mas sim para serem dominados e explorados, culturalmente e economicamente. Percebe-se também que a maioria dos formandos era do sexo masculino. Isso se deve ao papel atribuído as mulheres naquele período, papel materno por exemplo. De alguma maneira isso influencia na determinação de alguns cursos, especificamente voltados

³ Zonas Libertadas eram nomes atribuídas as regiões ou aos territórios guineenses libertados da dominação colonial.

⁴ PAIGC é o Partido africano da independência da Guiné e do Cabo-Verde, foi o primeiro partido político da Guiné Bissau. Fundado no dia 19 de setembro de 1956, e graças ao seu líder Amílcar Lopes Cabral o partido lutou de 23 de novembro de 1963 até 24 de setembro de 1973 onde alcançou a libertação dos povos da Guiné Bissau e Cabo verde.

⁵ Se refere as pessoas formadas pelo PAIGC

para mulheres, como: Pedagogia e Enfermagem, porque naquele momento as mulheres eram direcionadas a cursos de cuidados para com os outros, assim como de cuidar dos feridos na luta de libertação e garantir comidas para os mesmos. O exemplo da Guiné Bissau nos permitiu entender a injustiça que havia no sistema de educação formal oferecida pelos colonizadores no período colonial, assim como a forma como a educação local não era considerada como processo de ensino e aprendizagem.

1.2 EDUCAÇÃO INFORMAL

Segundo Gaspar (1996) a educação pode acontecer de maneira informal:

Na educação informal, não há lugar, horários ou currículos. Os conhecimentos são partilhados em meio a uma interação sociocultural que tem, como única condição necessária e suficiente, existir quem saiba e quem queira ou precise saber. Nela, ensino e aprendizagem ocorrem espontaneamente, sem que, na maioria das vezes, os próprios participantes do processo deles tenham consciência (GASPAR,1996,173).

Portanto, entende - se que a educação informal pode acontecer em qualquer lugar, de maneira espontânea, os conhecimentos não precisam ser considerados ciência para serem válidos. Nesse tipo de ação educacional, o conteúdo é transmitido, na maioria das vezes, oralmente. Baseia - se nas experiências e no conhecimento que os mais velhos adquiriram ao longo do tempo, passadas aos mais novos como herança de uma determinada sociedade. O papel do educador na educação informal é produzir conhecimentos sobre várias áreas sociais sem necessidade de apresentar provas hoje denominada de -cientificas|, o importante é ensinar quem precisa a qualquer momento. Essa forma de educação pode ser verificada em várias sociedades africanas, e essa denominação de educação informal deve ter sua origem no ocidente porque o fato da forma como o ensino e aprendizagem acontecerem nas outras sociedades de maneiras diferentes das sociedades ocidentais não deveria gerar o status de informalidade. O importante é que ela seja um espaço de produção de conhecimento, independentemente da forma como acontece, do lugar, do tempo e da situação econômica. O importante é que ela seja uma prática de ensino e aprendizagem. O ato educativo não precisa acontecer da mesma maneira em todas as sociedades, porque esse ato depende de diversos fatores sociais para a sua realização.

A partir de Ocuni Cá (2000), presume-se que a educação informal se verifica na relação

entre os mais velhos com os mais novos. Se dá num ato preparatório aos mais novos a fim de darem continuidade às suas sociedades.

Os colonizadores consideravam oficial a educação que ofereciam, como estratégia para acabar com a cultura local, e implantar a cultura portuguesa. Dessa forma, ela pode ser considerada como resultado da interação entre pessoas, a qualquer hora e em qualquer lugar. Não era preciso materiais didáticos ou currículos para sua realização, e nem um tempo específico para aprender sobre uma determinada matéria. Assim, pode se concluir que esse processo educativo acontece ao longo da vida inteira, e a experiência que as pessoas denominadas de “não alfabetizadas” mostram na prática é a prova de que a educação informal é sim uma das práticas de ensino e aprendizagem. Embora essas práticas na maioria das vezes assim como a educação formal, a maneira como elas acontecem não garantem a igualdade gênero, mas de alguma forma garantem a produção de um conhecimento e garantem a ordem social nas diversas sociedades não ocidentais.

1.3 EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

É uma educação também baseada em disciplinas, currículos, mas não oferecem graus de diplomas oficiais. São as que acontecem nas igrejas, associações, grupos partidários e os demais movimentos de capacitação de cidadãos. Esse tipo de educação é oferecida para formar pessoas para determinado serviço social. Dependendo da sua finalidade nem sempre respeita a questão das classes sociais, gênero, cor ou raça. Então, assim como as outras, já mencionadas, não garante a justiça social, pois depende de vários fatores.

CAPITULO -II

2. RELAÇÕES DE GÊNERO

2.1 CONCEITOS INTRODUTÓRIOS DE GÊNERO

Na obra **Gênero: Uma Categoria Útil Para Análise Histórica (1989)**, a historiadora norte-americana Joan Scott, explica que a palavra gênero foi historicamente interpretada a partir do conceito de base gramatical, como sendo as regras formais que determinam a categoria do que pertence ao masculino, feminino e indefinido (neutro), mas a partir do final do séc. XX, a definição de gênero passou a ganhar novo conceito para além da gramática. A

partir de então, a palavra gênero apresentava uma recusa ao determinismo biológico presente no termo diferença sexual. Começou com grupo de feministas americanas que passaram a usar o termo gênero como uma categoria de análise:

Assim, Nathalie Davis dizia em 1975: –Eu acho que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens quanto das mulheres, e que não deveríamos trabalhar unicamente sobre o sexo oprimido, do mesmo jeito que um historiador das classes não pode fixar seu olhar unicamente sobre os camponeses. Nosso objetivo é entender a importância dos sexos dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la. (Scott 1989, p.03, apud Davis 1975).

As pesquisadoras feministas achavam que, para contar história das mulheres, precisava ser contada uma nova história, que passaria a incluir não só a experiência pessoal e subjetiva das mulheres, mas sim os seus papéis na economia e na política. Entendia que os/as historiadores/as não feministas resumiam a história das mulheres ao sexo e família, separada das questões econômicas e políticas. Scott defende que a única forma de escrever uma nova história é levar em consideração a categoria de classe, raça e gênero porque são elementos constitutivos das relações sociais.

Assim, Scott mostrou que para análise de gênero historiadores/as feministas beberam de várias abordagens que foi resumida em três teorias:

A primeira, uma tentativa inteiramente feminista, empenha-se em explicar as origens do patriarcado. A segunda, que se situa no interior de uma tradição marxista, busca um compromisso com as críticas feministas. A terceira, fundamentalmente dividida entre o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo americanas de relação do objeto (object relation theories), se inspira nessas diferentes escolas de psicanálise para explicar a produção e reprodução da identidade de gênero do sujeito. (SCOTT 1989, pág. 09)

As historiadoras feministas têm centralizado seus debates na subordinação das mulheres, mostrando que esse sistema promove a dominação masculina. Scott explica, a partir da filósofa política feminista Hegel Mary O'Brien (1981), que essa dominação masculina parte do desejo dos homens de superarem a falta de meios de reprodução da espécie.

Entende - se que a opressão da mulher está relacionada a falta de compreensão do processo da reprodução, a partir da análise das contradições entre a ideia da natureza do trabalho reprodutivo das mulheres e a ideologia criada pelos homens sobre isso. Dessa forma, a associação do papel materno da mulher como uma redução das perspectivas sociais termina por estabelecer um papel político menor.

Scott sublinha que a Catherine Mackinnon associa a sexualidade com o feminismo, de igual modo como o trabalho está para o marxismo. “Ela liga o ato com a palavra, a construção com a expressão, a percepção com a efetivação, o mito com a realidade. O homem come a mulher; sujeito verbo objeto.” (SCOTT 1989, pág. 09). A historiadora mostrou a necessidade de rejeitar o caráter fixo e permanente da diferença binária, ou seja, que é preciso uma historicização e uma desconstrução autêntica dos termos da diferença sexual. Apresentou também a necessidade de rejeição das diferentes informações sobre a forma de contar a história e a desconstrução dos termos que reforçam a diferença sexual.

Scott comenta que a história do pensamento feminista é uma história de negação de construção hierárquica da relação entre o masculino e o feminino. Os contextos específicos são tentativas de reverter ou deslocar os seus funcionamentos, já que atualmente os(as) historiadores(as) feministas estão em condições de teorizar as suas práticas e desenvolver o gênero como categoria de análise. Essas teorias que se preocupam com os sistemas de relações sociais ou entre os sexos apareceram no final do séc. XX, porque entre o séc. XVIII até o início do séc. XX, algumas teorias eram construídas na base das oposições masc./fem., outras se preocupam com a formação do sujeito feminino e outras com a formação da identidade sexual subjetiva. Segundo a autora, essa falta de análise da categoria de gênero é o motivo da dificuldade de as feministas contemporâneas juntarem o termo gênero aos conjuntos dos teóricos pré-existentes e convencer os adeptos de outras escolas a aceitarem que o termo gênero é uma das ferramentas usadas pelas feministas contemporâneas para reivindicar certo campo de definição, para resistir sobre o caráter inadequado dos teóricos que ainda explicam a desigualdade entre mulheres e homens.

Scott, perante a rejeição de pensamentos de alguns historiadores antigos pelos teóricos recentes, entende que os pensamentos antigos não podem ser deixados de lado, o que os teóricos recentes devem fazer é mudar alguns modos de trabalho e algumas questões que colocam. Devem ser questionados as origens, e o motivo da existência desses problemas. Nessa linha de pensamento, a autora definiu gênero de duas maneiras: primeira, –é o elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças sociais percebidas entre os sexos e a segunda, é a primeira forma de significar as relações de poder.

A primeira definição é constituída por 4 elementos:

O primeiro trata dos símbolos, culturalmente disponíveis que imaginam duas representações contraditórias - Eva e Maria - como símbolos da mulher. Na tradição cristã do ocidente são os mitos da luz e da escuridão, da purificação e da poluição, da inocência e da corrupção.

O segundo trata dos conceitos normativos, que colocam de maneira clara a interpretação do sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as suas possíveis relações de semelhança. Esses conceitos são expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas e jurídicas. Tomam a forma de duas informações opostas que afirmam de forma categórica e sem equívoco o sentido do masculino e feminino. -Um exemplo desse tipo de história é fornecido pelo tratamento da ideologia vitoriana da mulher no lar. O destino da mulher parece que já pré-definido na sua gênese.

O terceiro elemento trata de discutir a noção de fixidade, ou seja, o que leva a ideia de que a representação binária e sua hierarquia tem permanência eterna.

O quarto e último elemento é a identidade subjetiva, são identidades que nasce além das pessoas. São construções sociais que deixam reflexões no comportamento das meninas/mulheres ou dos meninos/ homens sobre os gêneros. Muitas vezes essas pessoas reproduzem certas práticas sociais sem intenção, mas por serem tradições dos pais, da família ou dos irmãos acabam por herdá-las.

Scott comenta que alguns antropólogos resumiram a categoria de gênero ao sistema parentesco especialmente no mundo doméstico e na família como fundamento da organização social. Mas que deveria ser levado em consideração o mercado de trabalho, a educação e o sistema político, porque o papel dessas instituições não deve ser resumido ao sistema parentesco, ou sustentar que as relações contemporâneas entre homens e mulheres são resultado de sistemas anteriores ao parentesco baseado na troca das mulheres. A historiadora conclui dizendo que na sociedade atual, o gênero foi construído através do parentesco, também pela economia e pela organização política, por isso o gênero não deve se resumir somente ao sistema de parentesco, pois a mulher desempenhou papéis importantes na história da evolução econômica e política em diferentes partes do mundo e essas contribuições precisam ser contadas na história.

Para explicar melhor a função de legitimação de gênero, a autora usou exemplo de Bourdieu que mostra que em algumas culturas a exploração agrícola era organizada segundo conceitos de tempo e estação, mas se baseavam nas definições das diferenças entre masculino e feminino.

A associação dos regimes autoritários com o controle sobre as mulheres na contemporaneidade, só foi observada e não estudada a fundo, Scott usou como exemplo concreto a criação das leis: “proibindo sua participação na vida política, tornando o aborto ilegal, proibindo o trabalho assalariado das mães, impondo códigos de vestuário às mulheres”. (SCOTT 1989, pág.25) Essas dominações dos dirigentes masculinos também podem ser percebidas durante a não cumprimento e nem promoção das leis que garantem os direitos e deveres das mulheres.

E para mostrar a construção criada sobre a inferioridade da mulher dentro da classe trabalhadora, Scott usou exemplo da França, em que os reformadores burgueses usavam códigos como feminino “os subordinados, fracos, explorados como prostitutas” para descrever os operários, e dirigentes destes respondiam na oposição masculina da classe “produtos fortes, protetores das mulheres e das crianças”. Esses códigos não foram denominados por acaso, tinham carregado o conceito que criaram sobre —as mulheres naquelas sociedades. Nesse caso, quanto mais eram usados, mais se naturalizavam as características das mulheres.

Por fim, a historiadora criou reflexões acerca da história política que foi construída em cima do gênero e parece algo estável, mesmo sendo criticado e contestado. De acordo com Scott, a oposição entre masculino e feminino não deve ser tratada como um problema que cresce continuamente no contexto concreto, mas sim precisa ser questionada. As proclamações ou os debates que cantam a ladainha de gênero para justificar as suas posições de superioridade, passariam a levar em consideração o modo como o gênero é entendido e explicado. Assim como precisa ser questionada a posição das mulheres na história, nas grandes revoltas mundiais, as suas relações com o poder do Estado, e, a forma como o gênero é tratado nas organizações sociais. Com essas e demais questionamentos que vão ser levantados sobre o tratamento do gênero nas diversas áreas sociais, pode se concluir que há necessidade de as mulheres serem incluídos na história da política, da economia e da cultura de forma justa e igualitária como a dos homens. Para que isso seja uma realidade precisa ser contada uma nova história capaz de levar em consideração não só o gênero, mas também a raça e classe social.

A antropóloga e ativista americana Gayle Rubin na sua obra **O Tráfico de mulheres notas sobre a economia política do sexo (1993)** começou criando reflexões sobre as questões da origem da opressão e subordinação das mulheres, sejam elas feministas ou antifeministas. As respostas dadas pretendem sugerir um rumo para criar uma sociedade sem hierarquia de gênero. A autora considera que a origem de qualquer opressão ou violação aos direitos das mulheres está centrada na dominação masculina. Então nesse caso o papel das

feministas é de questionar o sistema patriarcal.

Rubin, na tentativa de explicar a origem da desigualdade sexual, usou exemplo do Marx que certa vez, perguntou –o que é um escravo negro? A resposta foi é um homem de raça negra. E a resposta é tão boa quanto a outra: Um negro é um negro. Ele se torna escravo somente em certas relações. A autora usou esse exemplo para tratar da opressão da mulher, perguntou o seguinte –o que é uma mulher doméstica? e a resposta foi que é uma fêmea da espécie, que se torna doméstica a partir de certas relações. (RUBIN 1993, pág.02) Ela toma como ponto de partida esse exemplo para descobrir sistemas de relações em que surgem as opressões das mulheres nas obras de Claude Levi Strauss, Engels e do Sigmund Freud.

Rubin definiu o sistema sexo/gênero como sendo conjunto de posições através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos de atividade humana, e na qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfatórias. Começou por mostrar o fracasso do marxismo neste aspecto, já que é a teoria da vida social, mas que pouco se preocupa com o sexo. A abordagem marxista com relação ao mundo social, considera que seres humanos são trabalhadores, camponeses ou capitalistas e que não tem importância se são homens ou mulheres, porque o marxismo, não leva em consideração a opressão contra as mulheres dentro das suas classes trabalhadoras. Ele considera as mulheres como força de trabalho de reserva para o capitalismo, e que os seus salários baixos trazem mais-valia extra ao empregador. Além disso, as mulheres como administradoras do consumo familiar satisfazem os objetivos do consumismo capitalista. Essa situação colabora com a opressão contra as mulheres dentro do sistema capitalista.

Segundo Engels na obra **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado (1987)**, a opressão sexual contra as mulheres seria parte daquilo que o capitalismo herda das sociedades anteriores. O autor também entende que as necessidades de procriação também precisam ser satisfeitas tanto quanto as necessidades de sobrevivência (alimentação, roupas e as demais despesas econômicas).

De acordo com a concepção materialista, o fator decisivo da história é, em última instância, a produção e reprodução da vida imediata. Mas essa produção e essa reprodução são de dois tipos: de um lado a produção de meios de existência, de produtos alimentícios, habitação e instrumentos necessários para tudo isso; de outro lado a reprodução do homem mesmo, a continuação de espécie. (RUBIN 1993, pág.05)

Essa passagem mostra que, a ideologia materialista defende que deve ser produzido não

só meios de sobrevivência e de satisfação das necessidades humanas, assim como produzir os seres humanos para o consumo desses meios e dar continuidade à espécie. Ainda, a autora realça a ideia do Engels de mostrar que há necessidade de os seres humanos satisfazerem suas necessidades de sexualidade e de procriação tanto quanto as necessidades alimentares.

Dessa forma, a ideia de Friedrich Engels, assim como o rastro do capitalismo na história agravou a opressão contra as mulheres, porque essa ideia de que deverão ser produzidos meios de existência (residência, alimentação, roupas...), assim como a produção de seres humanos coloca papel da mulher na priorização dessa reprodução. Isso influenciou muito na atribuição do papel materno da mulher na sociedade, pois os homens entendiam que o papel deles era de trabalhar fora de casa, e das mulheres era de produzir seres humanos e cuidar do crescimento desses seres. Então essa relação entre a produção e reprodução, não é nada além de um espaço de reafirmação da opressão contra as mulheres, foi um meio de associação da mulher ao único –o papel materno.

Rubin explica que o termo patriarcado foi introduzido para diferenciar forças que mantêm o sexismo de outras forças sociais como o capitalismo, enquanto que o termo capitalista se refere a distinção entre os diferentes sistemas através dos quais as sociedades são providas e organizadas, porque qualquer que seja a sociedade tem um tipo de –economia política, e divide os indivíduos em classes, entre elas os oprimidos (camponeses e escravos). Ainda dentro das classes dos oprimidos pode ser encontrado trabalhadores assalariados, e nesse caso o sistema pode ser denominado de –capitalista.

Além de tratar do Engels, Rubin também analisa a opressão feminina ao tratar do sistema de parentesco na pesquisa do antropólogo Lévi-Strauss. A autora explica que, para a Antropologia, um sistema de parentesco não é só uma linhagem de parentes biológicos, porque muitas vezes contradiz as relações genéticas reais. Isso pode ser verificado nas sociedades pré-Estado, em que o –parentesco é o idioma de interação social, organizando em atividades econômica, política e cerimonial, bem como a sexual. (RUBIN 1993, pág.07) Em algumas sociedades, a partir das alianças de parentesco, algumas pessoas passam a adquirir certos privilégios, direitos e responsabilidades. Assim como as relações comerciais, serviços e produções passam a ser tratados dentro da estrutura organizacional de parentesco.

Os sistemas de parentesco variam de maneira separada de uma cultura à outra, por diversas razões, umas determinam com que família os membros podem ou não casar, outros tentam explicar o tabu do incesto, como forma de impedir casamento ou relação sexual entre parentes, garantir que os casamentos acontecem entre famílias ou grupos e não dentro de um grupo.

Para melhor teorização do casamento humano, Rubin se apropriou do livro de Lévi Strauss denominado de **Estruturas Elementares do Parentesco (1982)**. De acordo com a autora, o livro tratou do parentesco como sendo uma imposição da organização cultural sobre os fatos da criação biológica. Sua descrição da sociedade não vê o sujeito humano como abstrato ou sem gênero. Para Lévi-Strauss o sujeito humano se resume no masculino e no feminino, e os diferentes destinos sociais dos dois podem ser planejados.

Lévi – Strauss confirma a teoria da opressão sexual na medida em que entende que o centro dos sistemas de parentesco se baseia na troca das mulheres entre os homens, como base para o estabelecimento de alianças. Essa troca não beneficia as mulheres porque, mesmo elas sendo as mais preciosas peças de troca, não passam de simples objetos. Essa troca tem sua origem nas relações sociais de sistemas de parentesco, onde só os homens têm direitos sobre suas parentes mulheres. Rubin explica que Lévi – Strauss, na tentativa de entender os princípios estruturais do parentesco, descobriu dois segredos importantes para que as mulheres entendam as regras do casamento, que são: a dádiva e o tabu do incesto. A união dos dois princípios está na base das trocas das mulheres. o princípio do Tabu do incesto se baseia na proibição de casamento entre famílias geneticamente próximos (mãe, filhos, primos), ela é adotada por várias sociedades, embora por diversas razões. Para Levi -Strauss, o casamento é um espaço de troca de presentes entre dois grupos ou parentes, onde a mulher é um dos presentes mais precioso. Capaz de trazer mais rendimento econômico, criar laços parentescos. Embora é um espaço de exploração e de submissão das mulheres, porque são os homens que realizam essa troca de presentes, onde elas acabam por não se beneficiar de nada. As trocas de presentes podem ser um dos motivos do tabu do incesto e a predominância da ideia de que o casamento era um espaço de união entre sexos opostos e de procriação.

A autora usou como referência a situação de doação dos alimentos entre as famílias nas ilhas de Trobiand. Segundo Mauss esse gesto de doação significa criação de laços de parcerias, votos de confiança, solidariedade mútua e solicitação de amizades. Nesse caso, Mauss e Lévi-Strasuss sublinharam que, além dessa troca de presentes ser um gesto de solidariedade, também é um meio de comércio social. Mauss –considerou os presentes como fios de discurso social, o meio pelo qual tais sociedades se mantinham unidas na ausência de instituições governamentais especializadas.

A troca das mulheres é considerado em algumas sociedades um princípio fundamental do sistema de parentesco, a subordinação das mulheres pode ser vista como produtos das relações através das quais são organizadas as categorias sexo e gênero. Entende que é necessário estudar cada sociedade para determinar os mecanismos exatos pelos quais são

produzidos e mantidos acordos sobre a sexualidade.

Relativamente a divisão sexual de trabalho, Rubin mostra que com base na pesquisa de Lévi-Strauss, a divisão sexual de trabalho não é uma especialização biológica, mas pode ter um outro objetivo, que é de garantir a união dos homens e das mulheres. Fazendo com que as menores unidades econômicas de crescimento, incluam pelo menos uma mulher e um homem. Que não seja determinada uma certa tarefa somente para homens e outra para mulheres, mas que exista pelo menos um homem ou uma mulher fazendo a mesma tarefa.

A divisão de trabalho de acordo com sexo pode ser considerada como um tabu em três sentidos: o primeiro é contra a igualdade das mulheres e dos homens, o segundo dividindo contra duas categorias exclusivas e o terceiro tem a ver com agravamento da diferença biológica de sexo, e tem como consequência o nascimento do gênero. De maneira implícita o tabu do incesto pressupõe o tabu prévio da homossexualidade, porque vai proibindo a liberdade de casamento de pessoas de mesmo sexo não por falta de sentimentos, mas por outros motivos.

Para Rubin, as relações de parentesco são responsáveis pela divisão de trabalho e definição de casamento, que são determinantes das diferenças entre homens e mulheres.

Como explica a historiadora guineense Patrícia Godinho Gomes na sua obra **As mulheres do sector informal. Experiências da Guiné-Bissau (2012)** a partir da realidade guineense:

Apesar dos esforços efetuados nos últimos anos, a taxa de alfabetização das mulheres é ainda bastante baixa e persistem diferenças no acesso à educação. As razões que explicam o baixo nível de escolaridade das mulheres relativamente aos homens têm que ver com a visão tradicional da sociedade em relação ao papel da mulher no mercado de trabalho e na própria sociedade. A repartição do trabalho doméstico e agrícola, que desde sempre exerceu uma influência decisiva no momento da escolha quanto à escolarização dos filhos segundo uma perspectiva de gênero negativa, isto é, dando prioridade à educação dos rapazes sempre que os recursos não permitissem a educação de todos, foi um dos fatores determinantes da condição social e cultural de inferioridade das mulheres em relação aos homens. (GOMES 2012, pág.09)

Conforme mostra a Gomes, e baseando na vivência quotidiana podemos concluir que em algumas sociedades, as mulheres ainda continuam tendo destinos pré-definidos por sociedade, cultura, sistema patriarcal e não elas fazendo suas próprias escolas.

Além disso, também percebe-se uma fraca participação das meninas nos centros de formações superiores, e um dos maiores impedimentos é o cumprimento do papel materno

ou do casamento. Em outros casos a falta de motivação, porque algumas meninas são orientadas a serem o que a sociedade quer que elas sejam, e não o que realmente elas querem ser. Passam acreditar que a felicidade só se encontra no casamento, mesmo sabendo que isso pode dar certo assim como pode não dar certo. No caso da divisão sexual de trabalho foi naturalizado dentro de algumas famílias de tal forma que os trabalhos domésticos passaram a ser cumpridos como ritos de iniciação para uma menina ser considerada mulher socialmente. Mesmo que algumas meninas não gostem de cozinhar, são condicionadas a aprender só para poder cumprir com a vontade da sociedade e da família. Assim, as meninas ao saírem da escola no período de manhã passam a ajudar a mãe na cozinha, enquanto que os meninos ficam livres para brincar ou ajudar o pai nas outras tarefas fora da cozinha. Como diz uma das ladainhas das sociedades guineenses “uma mulher deve saber cozinhar”. Analisando bem essa frase podemos perceber que ela orienta a mulher a se preparar para servir no casamento.

Para melhor interpretação dessa frase, podemos questionar, o porquê dessa associação do trabalho doméstico a mulher, e quem foram os responsáveis pela construção dessa ideia, quais eram os seus interesses no momento, assim como não podemos deixar de questionar o significado de mulher/homem e de casamento naquelas sociedades, como melhor forma de pensar na desconstrução dessa ideologia e na defesa da igualdade e justiça social.

Assim podemos presumir que as questões econômicas, assim como a divisão dos trabalhos devem ser separadas das questões sexuais, porque nem todas as necessidades serão resolvidas com poderes econômicos, e ou com forças físicas.

CAPITULO III

3. GÊNERO NA PERSPECTIVA AFRICANA

De acordo com a nigeriana Bibi Bakare Yusuf especialista em questões de gênero, mostra no artigo **Além Do Determinismo: A Fenomenologia Da Existência Feminina Africana (2003)**, perante as diferentes situações de gênero enfrentadas pelas mulheres africanas, a autora analisa as várias possibilidades de formação do poder de gênero ao longo da história e em diferentes lugares. Onde acaba por destacar que as mulheres africanas primeiramente precisam saber quem elas são historicamente, para depois saberem o que querem ser na sociedade atual. Essas descrições teóricas vão possibilitar as mulheres africanas entenderem as diferentes tradições ou culturas que lhes ligam com a contemporaneidade e também com outras mulheres dos outros tempos e lugares. E assim como a possibilidade de manter a cultura em constante transformação pelos próprios agentes culturais.

A autora distinguiu duas abordagens que tratam da política da diferença de sexo na África, baseando na análise feita pelas africanas e teóricas africanistas sobre as mulheres: umas trataram das diferenças hierárquicas entre homens e mulheres, indicando que as mulheres africanas são seres que vivem sob domínio do sexo masculino nos sistemas patriarcais. E há outras que mostram o peso das suas posições na sociedade. Essas teorias argumentam que as posições dos homens com as das mulheres são desafios complementares perante o conceito do patriarcado no continente africano. E que homens e mulheres são diferentes, mas têm mesma experiência.

No que diz respeito a mulheres africanas e o patriarcado, segundo a autora, muitas teóricas têm explicado o termo patriarcado no contexto africano como a forma da organização da vida social e institucionais, nos quais os homens têm um total controle sobre a maioria dos aspectos na vida e ações das mulheres, onde os homens têm mais acesso ao trabalho e benefícios do que as mulheres. Yusuf crítica os teóricos que associam o patriarcado como sendo o sistema organizacional das sociedades africanas mostrando que as mulheres africanas atualmente, assim como no passado exerciam/em papeis reprodutoras e produtoras importantes para o domínio econômico e político patriarcal. Nas diversas sociedades africanas a mulher foi e ainda é uma das principais combatentes da liberdade das suas pátrias. E não só, também continua sendo uma das principais agentes da produção econômica nas

suas sociedades. E a história dessas mulheres nesses setores foram simplesmente enterradas. Entende-se que não foi por acaso que essas histórias foram ignoradas, um dos motivos foi a superioridade masculina enraizada nessas sociedades. Uma das formas de lutar contra as frases que reforçam a superioridade masculina, é de conscientizar as mulheres, fazer com que elas conhecessem histórias das grandes heroínas e questionar certas construções que colocam as mulheres nos lugares de opressão.

Segundo a autora, na explicação do Molar Ogundipe – Leslie na obra **Women in Nigeria in Women in Nigeria Today (1985)** na sociedade yorubá as mulheres perdem os seus poderes e identidades e se tornam propriedades das linhagens dos maridos.

Mas por outro lado, Afonjá (1990:204), também mostra que existem histórias de mulheres que exerceram poderes nas esferas religiosas, políticas, econômicas, como as Amazonas do Daomé ou as Yalodês. Alguns autores interpretavam aquilo como uma desigualdade ao em vez de igualdade. Essas interpretações podem ser entendidas como estratégias de dominação patriarcal. Esse privilégio social do homem ser considerado o responsável pela família, da mesma forma que na sociedade Yorubá esse poder de superioridade masculina tira a dignidade humana da mulher a partir do casamento, na medida que passa a ser propriedade do marido e a pertencer a linhagem do marido. Nesse caso, os homens de alguma forma se apropriam dessas regras culturais para reafirmar a superioridade masculina.

Yusuf argumentou o valor ou o significado que o corpo de uma mulher pode ganhar dependendo dos lugares do mundo sobre o seu corpo, realçando a heterogeneidade existente entre as mulheres. Esse argumento diz respeito à pergunta de Simone de Beauvoir no seu livro **Segundo Sexo** (1949), que para Yusuf Bakare, Beauvoir fala da mulher só na perspectiva ocidental, não leva em consideração as diversidades das mulheres, em particular as africanas. E questiona principalmente a forma como a situação das mulheres africanas foram incorporadas à realidade das mulheres ocidentais.

Ela pergunta: –O que é uma mulher? e –Como tornar-se uma? Aqui, não pretendo repetir as respostas de Beauvoir a estas perguntas, ou lidar com os defeitos em seus argumentos (ver Heinamma, 1996; Moi, 1992; Mackenzie, 1986). Em vez disso, reformulo as perguntas que ela coloca à luz das experiências Africanas, com vistas a investigar os significados de corpos sexualmente diferenciados e esclarecer como a –incorporação produz e afeta a nossa experiência do mundo. Estou ciente que alguns têm argumentado que o atual interesse sobre de Beauvoir é injustificado e tem pouca relevância para as mulheres Africanas (ver Arnfred, 2002). Contudo, a filosofia existencial de Beauvoir sobre mulheres incorporadas, situando as

experiências das mulheres é mais relevante agora do que nunca, dadas as enormes mudanças sociais e fluidez cultural que caracterizam as sociedades Africanas. (BAKARE pág.01-02)

As feministas ocidentais foram as primeiras a usarem o termo gênero, mas isso não lhes dá direito de falarem das mulheres como algo homogênea, porque o corpo da mulher pode ser interpretado de formas diferentes em diversas sociedades. No caso das mulheres africanas eles devem ganhar significados de acordo com as realidades africanas.

Yusuf apoiou no relato de Afonjá (1990) para explicar a falta de reconhecimento da contribuição das mulheres nas sociedades africanas. Onde explica que nas sociedades matrilineares ou bilineares, os poderes ou autoridades foram exercidas pelas mulheres nas esferas religiosas, políticas, econômicas e domésticas pré-coloniais, essas mulheres foram reconhecidas por pouco período de tempo. O argumento usado foi que a época em que aquelas mulheres desempenharam aquelas autoridades era uma representação simbólico. E isso foi até interpretada com expressão de desigualdade, porque entediam que as mulheres não podiam desempenhar iguais papéis com os homens, e como forma de não reconhecimento e de inferiorização da mulher resolveram excluir da história os papéis que essas mulheres desempenharam nas diversas áreas e deixaram somente os papéis domésticos.

Segundo Yusuf, as teóricas como Niara Sudarkasa(1987), e Nkiru Nzegwu(2001) afirmaram que as sociedades africanas podem ter as suas diversas particularidades no que diz respeito a desigualdade e estratificação, mas que seria errado dizer que a desigualdade sexual era princípio das sociedades africanas ou nem seria justo dizer que antes da invasão europeia, as sociedades estavam organizados por princípios de gênero. Porque a vida social nos países da África antes da colonização era baseada no sistema de sexo dual como sendo sistemas complementares de poderes nas atividades e papéis de mulheres e homens. E na visão da autora Nzegwu foi errada a atribuição da comparação da diferença sexual com a desigualdade sexual às estruturas das sociedades africanas. Nzegwu considerou o patriarcado como um conceito importado e imposto.

Por outro lado, Yusuf mostra que a pesquisadora Filomina Steady na sua obra **African Feminism: A Worldwide Perspective** (1987) declarou que no período pré-colonial na África não se dava importância entre a produção e reprodução, porque a economia era de subsistência. Assim, várias teóricas consideraram que as identidades das mulheres africanas está nos seus papéis de mães. A antropóloga nigeriana Ifi Amadiume (1997) confirma, dizendo que esse poder feminino nasce da consagração maternal, que são as experiências históricas que lhes diferenciam das mulheres europeias. Com isso podemos concluir que é

necessária uma investigação da origem das relações de poder, das estruturas religiosas, políticas, valor da maternidade e paternidade nas diversas sociedades africanas, tanto no presente como no passado. A partir disso, teremos várias possibilidades de entender o gênero, papel materno da mulher, assim como o patriarcalismo nas sociedades africanas.

Yusuf ainda afirma que esses conhecimentos vão nos abrir portas para os movimentos feministas africanos descobrirem o lugar da mulher nas diversas sociedades africanas antes e depois do colonialismo, questionarem sobre algumas expressões culturais como podem servir de instrumentos da luta pela igualdade de gênero, não os usar como forma de silenciar a desigualdade existente em algumas sociedades africanas.

De acordo com a pedagoga nigeriana de Sociologia da Universidade de Stony Brook, em Nova Iorque, Oyéwúmí Oyérónké, no seu artigo **Conceituando o Gênero: Os Fundamentos Eurocêntricos Dos Conceitos Feministas e o Desafio Das Epistemologias Africanas (2014)**, a melhor forma de compreender o gênero no contexto africano, deve ter origem nos marcos históricos da modernidade, que foi caracterizado pela colonização europeia na África, Ásia, e América Latina.

Uma característica marcante da era moderna é a expansão da Europa e o estabelecimento de hegemonia cultural euro-americana em todo o mundo. Em nenhum lugar isso é mais profundo que na produção de conhecimento sobre o comportamento humano, história, sociedades e culturas. (Oyérónké 2014, pg.01)

Para entender o conceito de gênero na África, partindo da afirmação de Oyérónké, precisamos ter como ponto de partida o marco histórico que está na origem da exploração das pessoas para o desenvolvimento das indústrias e do capitalismo. A partir da expansão marítima, o estabelecimento da hegemonia cultural euro-americana e o privilégio de gênero masculino como uma parte essencial do ethos europeu. Como sendo fatores indispensáveis para a compreensão do gênero nas sociedades africanas e de diferenciação com as mulheres ocidentais. Por outro lado, Oyérónké mostra que, graças aos estudos das feministas ocidentais, o gênero passou a ser considerado categoria de análise e hoje o mundo está tendo outro conhecimento sobre as mulheres e as hierarquias de gênero. Devido a esse importante papel, as feministas ocidentais não devem ser ignoradas, mas sim questionadas sobre a identidade social, interesses e preocupações das fornecedoras de certos conceitos e teorias de gênero na realidade africana. As feministas mostraram que os problemas pessoais das mulheres antes eram considerados da esfera privada, mas na realidade são problemas públicos

construtores das desigualdades de gênero nas sociedades. Os questionamentos com as feministas ocidentais nascem a partir de análise da categoria de gênero sem levar em consideração as diferenças entre as mulheres no mundo, porque essas diferenças entre as mulheres são definidas pelos diversos fatores já mencionados. Desse jeito, não devem ser tratadas como algo homogênea, isso foi bem trabalhada no romance Niketche que vamos analisar.

Assim, compreende-se que as desigualdades de gênero acontecem de diversas formas, conforme as situações sociais, econômicas, políticas e culturais em que se encontram essas mulheres. Conforme justifica a Oyérónké (2014):

Porque gênero é socialmente construído, a categoria social "mulher" não é universal, e outras formas de opressão e igualdade estão presentes na sociedade, questões adicionais devem ser feitas: Por que gênero? Em que medida uma análise de gênero revela ou oculta outras formas de opressão? As situações de quais mulheres são bem teorizadas pelos estudos feministas? E de que grupos de mulheres em particular? Até que ponto isso facilita os desejos das mulheres, e seu desejo de entender-se mais claramente? (Oyérónké 2014, pg. 03)

Pode se concluir que a análise da categoria de gênero não poder ser separado de contexto social, e nem de outros sistemas de hierarquia de poder local ou tradicional que faz parte da organização social africanas. Oyérónké, sublinha que o fundamento das teorias feministas se baseia na família nuclear. Sendo assim, lançou uma crítica contra os usos da família nuclear ocidental como fundamento das teorias feministas, porque não são o único modelo de família para todas as sociedades do mundo. Sendo assim ela não pode representar situação de hierarquia de gênero em todas as famílias, porque família tanto como corpo da mulher ganham conceitos de acordo com os seus contextos sociais. O importante seria investigar como a hierarquia de gênero é construída nas famílias africanas. Baseando na explicação da Oyérónké, compreende-se que a família nuclear ocidental (euro-americana) é uma família baseada no gênero, composta por uma mulher submissa e um homem patriarcal mais as filhas e os filhos. Onde o pai é responsável pelo sustento da família e a mãe pelos trabalhos domésticos e pela educação das filhas e dos filhos. Essa divisão sexual de trabalho gera diretamente seres e sociedade generificada. Conforme lembra a Oyérónké (2014 apud Chodorow 1978, p. 12)

A divisão do trabalho familiar em que as mulheres exercem a maternagem dá sentido social e histórico específico para o gênero em si. O engendramento de homens e mulheres com personalidades, necessidades, defesas e capacidades particulares cria condições e contribui para a reprodução dessa mesma divisão do trabalho. Assim, o fato de as mulheres serem mães inadvertidamente e inevitavelmente se reproduz. (1978:12)

Significa dizer que essa divisão de gênero e de trabalho de acordo com sexo podem ser considerados lugares de promoção da hierarquia e opressão de gênero dentro da família nuclear. Olhando para as realidades africanas podemos perceber que existem famílias com estruturas organizacionais diferentes com as dos ocidentais. Baseando no exemplo usado pela Oyérónké podemos perceber o caso da família Yorubá (sudoeste da Nigéria) que ela considera uma família não generificada, porque os papéis parentesco e categorias não são diferenciados por gêneros, mas sim na base da idade. Mesmo com a família não generificada, isso não garante a igualdade de gênero, porque a opressão ou violação dos direitos das meninas /mulheres pode acontecer de diversas formas, diversos momentos e em diversos lugares das relações sociais. O melhor seria que análise ou a interpretação da categoria de gênero seja feita na base da realidade social e cultural de cada povo.

3.1 EDUCAÇÃO INFORMAL E GÊNERO

No decorrer desse terceiro capítulo, nos apoiaremos nas obras de Baticã(2015) e Adichie (2017) para observar as desigualdades estruturais entre os homens e as mulheres, meninas e rapazes em dois contextos africanos. Essas desigualdades são ditadas por contextos socioculturais e econômicos e por circunstâncias sociais e políticas específicas que colocam as mulheres em situação de desvantagem, com um fraco exercício para desenvolvimento do seu pleno potencial e gozar dos seus direitos humanos. Meninas e rapazes aprendem que a sociedade espera que eles se comportem diferentemente e que cumpram certos papéis de gênero.

A educação segundo o gênero, começa a ser percebida desde criança, a partir do papeis sociais imposto as meninas e aos meninos nas diversas sociedades. As meninas nascem fazendo o que a sociedade definiu como trabalho ou dever para mulheres e não fazendo o que sabem ou gostam de fazer.

Assim explica o Baticã, quando trata da desigualdade de gênero na educação na Guiné Bissau. Ele afirma que somos todos influenciados pelo gênero. Passamos o nosso dia a dia tentando monitorar a nossa vida para dar significado ao conceito de menino/homem ou da

menina/mulher. As nossas ideias e experiências sobre gênero afetam o que fazemos, nossos comportamentos, nossa interação com os outros em cada aspecto de nossas vidas. Essa influência de gênero engessa meninos e meninas sobre o comportamento que lhes faz sentirem diferentes não só biologicamente, mas também socialmente. A sociedade, a família de uma forma ou outra, criam limitações para as meninas/mulheres, privilegiando mais os meninos/homens. A fraca presença feminina nas escolas, fraca participação das mulheres na política, falta da liberdade de expressão, de emprego, casamento precoce, o papel fundamental da mulher na educação dos filhos, podem ser citados como consequências das diferenças existentes entre homens e mulheres em algumas sociedades africanas.

Ainda Baticã no **Manual de Igualdade e Equidade de Gênero**, explica que gênero é algo que varia de acordo com as relações sociais, ao longo do tempo e de sociedade para sociedade. A partir dele pode se compreender que a diferença (biológico) entre homem e mulher não é em si um problema, mas passa a ser problema a partir de uma certa situação em que o homem passa a ser mais privilegiado do que a mulher, por causa das suas características físicas ou pelos poderes que lhes foram atribuídos pelo sistema patriarcal.

E essas relações de desigualdade de gênero pode se perceber que têm suas origens nas famílias ou nas relações parentescos. Por isso, a obra **Para Educar Crianças Feministas** da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2017), traz a partir das 15 sugestões dadas à amiga Ijaewele, sobre a maneira como as mães a partir da realidade nigeriana podem promover uma educação igualitária na família. Adichie começa dando sugestões para as mães que deixam de fazer muitas atividades que gostavam de fazer antes de serem mães, atividades como: trabalhar, estudar, praticar desporto, dançar, sair com as amigas, participar das festas e vestir as roupas que as deixam atraentes, porque acham que isso pode impedi-las de serem boas mães e de cuidarem bem dos filhos. A autora nesse ponto chama a atenção das mulheres com relação a esse tipo de comportamento. Entende -se que o papel social das mulheres não se resume só na maternidade, por isso não devem deixar de fazer outras atividades só pelo fato de serem mães, porque a educação dos filhos não depende somente delas para dar certo, é um trabalho que exige participação também dos pais. Os dois se juntaram e deram vida a uma criança, sendo assim, o crescimento dessa criança também vai depender da participação de ambos. Significa dizer que a mulher não deve fazer tudo sozinha, e que ela deve pedir ajuda ou deixar que o pai da criança cumpra com o dever dele. Como a autora bem sublinhou na segunda sugestão “Façam juntos”. Isso não é um pedido, mas sim um dever dos dois cuidarem dos filhos, a não ser que esse pai não reconhece essa criança como filho/a.

Relativamente ao termo denominado pela Adichie de “feminismo leve”, isso tem a ver com certos discursos mascarados usados por alguns homens que não querem abrir mão dos seus privilégios sociais na família (casamento). Em que esses discursos carregam uma percentagem significativa de opressão, por exemplo: “Eu não costumo proibir a minha mulher de participar das reuniões das mulheres do bairro, mas primeiro ela deve me fazer a comida antes de sair.” “A minha mulher pode pagar escola dos nossos filhos sem problema, mas ela não pode participar das reuniões escolares porque não entende dessas coisas.”

Outro lugar de construção da hierarquia de gênero é a educação não formal que acontece nas igrejas, por exemplo: as teorias religiosas especificamente a católica incentiva diretamente atitudes de superioridades masculina e uma das justificativas usadas por alguns católicos é que a Bíblia recomenda que a mulher obedeça ao marido. Isso está escrito na passagem da carta de São Paulo aos Efésios capítulo 5, versículo 21-32. “...As mulheres sejam submissas aos seus maridos como ao Senhor. De fato, o marido é a cabeça da sua esposa, assim como Cristo, salvador do corpo, é a cabeça da igreja.” (Bíblia Sagrada, ed. Pastoral – paulus, São Paulo 1990). Essas teorias religiosas muitas vezes fazem os homens se acharem centros do saber e do poder na família, único responsável pelo crescimento econômico, social e familiar. O que não corresponde a mínima verdade, isso não passa de argumentos de defesa para garantirem a continuidade da superioridade masculina, porque antes de quaisquer interpretações bíblicas, ainda precisamos entender que São Paulo escreveu aquela carta pensando no povo da cidade de Efésio e na situação que aquele povo vivia na altura. E o mundo evoluiu, o tempo passou a carta chegou aos outros povos com culturas diferentes. Então pode ser que certas recomendações passam a não se adequar as sociedades atuais, até porque os homens não precisam mais ser chefes de família, e nem de serem as únicas fontes de rendimento econômico da família, pois as mulheres agora trabalham, estudam podem desempenhar todo e qualquer papel social que os homens desempenham desde que tenham capacidades para tal. Agora, o justo seria os dois serem chefes da família, porque os dois foram responsáveis pela formação daquela família.

Mais uma vez a Adichie chama atenção para as mulheres que, não devem depositar total esperança no casamento como sinônimo de felicidade, e nem devem aceitar as expressões que colocam elas como seres fracas que precisam de proteção de um homem para sobreviverem. Os termos como ‘princesa’ ou qualquer outro que carregue um sentido de fragilidade, conduzindo à ideia de mulher que está a espera de um príncipe para salvá-la, podem prejudicar a autoestima e confiança da menina na sua própria capacidade. Sabemos

que enquanto expressões como essas forem as mais utilizadas, menos confiantes as meninas vão se sentir e continuarão achando que a felicidade de uma mulher só é completa com o um marido ao lado.

As meninas/mulheres precisam entender que o sucesso do casamento vai depender do respeito e colaboração dos dois, que a felicidade que possivelmente pode surgir do no casamento, não é automática. Além disso, a menina precisa crescer sem achar que sua realização está reduzida ao casamento ou à procriação. Por isso, as mulheres devem questionar certos discursos sempre que lhes forem direcionados, a fim de lutar contra a opressão, contra o sistema patriarcal.

A partir da oralidade, algumas sociedades africanas conseguiram preservar e transmitir as suas identidades, os seus costumes, culturas e conhecimentos de gerações em gerações. Adichie e assim como demais intelectuais africanos/as têm como atual tema em comum debates sobre as questões das identidades africanas. Por isso, Adichie sugeriu que as mães passassem a educar as crianças com base nas identidades africanas, para que elas possam saber das suas verdadeiras histórias, e para que as meninas aprendam histórias das grandes heroínas africanas a partir das(os) mais velhas/os nativos e não a partir das histórias contadas pelos ocidentais. É de conhecimento de todos que as histórias dos grandes heróis e heroínas africanas são poucos escritos, mas ainda estão vivos na memória das(os) velhas/os africanos(as), então as crianças precisam conhecer essas histórias para se espelhar. Como diz o filósofo congolês V.Y. Mudimbe no livro **The invention of Africa (2013)**, a boa notícia agora, é que africanos têm a liberdade de pensar por si mesmos como sendo ponto de partida de um discurso completo. A ideia da Mudimbe em comparação com a de Adichie nesse caso se conecta na medida que os dois têm como foco resgate das identidades africanas e a necessidade da história de África ser contada pelos próprios africanos(as). A Adichie também sublinha que as meninas precisam saber da beleza a partir da realidade africana e não a partir das mulheres brancas apresentadas nas revistas.

As sugestões da Adichie são importantes para debates dos movimentos feministas e mulheres africanas perante as desigualdades de gênero nas suas sociedades. Também essas sugestões de Adichie, são formas de lutar a partir da família como sendo primeiras agentes transformadoras dos indivíduos e estes das sociedades. É a partir de família que os indivíduos reconhecem as suas identidades e os seus papéis nas sociedades. E de mostrar que a luta pela igualdade social é uma luta que exige a participação dos homens no combate às desigualdades criadas pelo sistema patriarcal. E isso deve começar dentro das famílias, para depois se estender aos demais lugares sociais.

CAPITULO IV

4. ROMANCE NIKETCHE: Uma história da poligamia

4.1 Apresentação da autora e do romance

Paulina Chiziane, escritora romancista, nasceu no dia 4 de junho de 1955 na província moçambicana de Gaza, no seio de uma família protestante, onde se falava chope e ronga. Aprendeu a falar português na escola de uma missão católica, antes de se mudar para Maputo. Fez os estudos superiores na Universidade Eduardo Mondlane, mas não concluiu a licenciatura em Linguística. Depois Paulina acabou se juntar à FRELIMO durante a luta pela independência. Em 1984 abraçou a escrita, e deixou a política. A sua atração pela escrita veio do avô, contador de estórias nato. Assim começou com os contos, e as primeiras publicações foram lançadas na imprensa moçambicana, como a **Página Literária** e a revista **Tempo**, histórias que falam da vida em tempos difíceis, da esperança, do amor, da mulher, e de África. Em 1990, Paulina Chiziane torna-se a primeira mulher moçambicana a publicar um romance – **Balada de Amor ao Vento**. A autora pode ser considerada romancista, embora ela se considera contadora de estórias. Segundo ela, porque as estórias que ela conta, são as grandes e pequenas que ela aprendeu na volta da fogueira.

O maior sucesso surge com **Niketch: Uma história de Poligamia (2002)**, romance que estamos analisando. Niketch significa dança de ritual de amor na linguagem étnica da região de Zambeze e Nampula norte de Moçambique.

Em 2003 a obra ganhou o Prémio José Craveirinha de Literatura. Em 2014, Chiziane foi agraciada pelo Estado português com o grau de Grande Oficial da Ordem Infante D. Henrique, forma de reconhecimento do mérito e obra da autora e dedicou o prémio às moçambicanas: “Quero encorajar o meu povo, as mulheres da minha terra: por muito difícil que as condições sejam, caminhem descalços e vençam” (RTP :2014) ⁶

Esse romance é uma obra fictícia que nos conduz a pensar sobre a questão da poligamia em Moçambique, os conceitos de casamento nas diversas sociedades africanas, e como está organizado o sistema hierárquico de gênero nessas sociedades.

⁶ Entrevista da Paulina a RTP

O romance foi narrado em primeira pessoa pela personagem Rami, a protagonista. Ela é a primeira esposa do Tony. Toda a história se desenvolve a volta dela, por vezes desempenha papel de personagem onisciente, e isso ajuda o público leitor a se situar melhor e entender os momentos da história a partir do seu subjetivo. Esse romance foi publicado no ano 2002, mas nesse trabalho analisamos a edição de 2014 editada em São Paulo. É um romance contemporâneo que se situa no período Pós-guerra civil, apresenta as seguintes características : Diversidade das mulheres africanas a partir das moçambicanas, transformação das práticas culturais como: poligamia, valor de moela, coxa e patas de galinha no casamento; diferença das batidas de tambor no momento de declaração de sexo dos recém nascidos, hierarquia de gênero no casamento como aspecto natural); valores culturais moçambicanas: Lobolo (sul) e Ritos de iniciação (norte) ; sororidade e empoderamento das mulheres.

Rami narra sua relação com o marido Tony e seu encontro e relacionamento com as rivais. Rami teve 5 filhos, Julieta teve 5 e está grávida quando conhece Rami, Luísa tinha 2, Saly também 2 e Mauá que não teve nenhum filho.

Para descrição da relação de poligamia do Tony, Paulina dividiu o romance em 43 capítulos e a história foi criada pensando nos diversos espaços de Moçambique no período de pós-guerra civil. A escritora traz propositadamente as mulheres de diversas regiões do país para mapear as relações de gênero em todo o país e representar a grande diversidade existente entre as mulheres africanas.

A história começou com os lamentos, desabafos da Rami e algumas mulheres de vizinhança a partir do momento que o caçula Betinho partiu o vidro do carro do vizinho na tentativa de acertar uma manga. Disse a Rami “vidro quebrado é mau agoiro, confirma-se a sabedoria popular.” (p.27) Perante essa situação, a Rami entrou em desespero, não só pelo azar do filho, mas também pelo sumiço do marido Tony. Sendo assim, as mulheres da vizinhança foram consolar a Rami, aproveitaram também o momento e desabafaram sobre o sumiço dos seus maridos. Pode se concluir que, essas mulheres têm um problema em comum, e nenhuma delas sabia explicar o que motivava os seus maridos a lhes abandonarem. Mas a Rami procurou saber por que é que o marido Tony comandante da polícia, com quem ela se casou há vinte anos, agora só volta em casa para comer e trocar de roupa. Enquanto que maridos das outras vizinhas foram definitivamente. E descobriu que, o motivo do desaparecimento do marido se chamava mulher, decidiu procurar o seu marido em casa dessa mulher que se chama Julieta. Acabou descobrindo mais 3 esposas secretas do Tony espalhadas pelas regiões de Moçambique.

Poligamia não é substituir mulher nenhuma, é ter mais uma. Não é esperar que uma envelheça para trocá-la por outra. Não é esperar que uma produza riqueza para depois a passar para a outra. Poligamia não depende da riqueza ou da pobreza. É um sistema, um programa. É uma só família com várias mulheres e um homem, uma unidade, portanto. No caso do Tony são várias famílias dispersas com um só homem. (CHIZIANE 2002, pág.94)

Rami foi procurar seu marido na casa da Julieta que tinha 5 filhos com Tony e estava esperando outro filho dele. O primeiro encontro entre as duas foi marcado pela briga dividida em 6 partes na qual a Julieta saiu como vencedora. Rami Depois de saber que o marido não estava mais com a Julieta há 7 meses. Rami deixou a rua 15 e voltou para casa cheia de pancadas e feridas, e foi desabafar no espelho, que vai nos permitir entender essa transformação da Rami ao longo do romance. Com a descoberta de mais duas esposas do Tony, Rami vivia na solidão e desespero. Decidiu participar da aula da conselheira amorosa, e foi a partir dessas aulas que ela descobriu que ela e o Tony não se conheciam intimamente, porque ela mesma não conhecia o seu corpo. Descobriu que não conhecia seus prazeres pessoais, ela foi ensinada a servir e agradar o marido, mas não foi ensinada para ter um relacionamento íntimo com ele e para se conhecer. Por isso, a conselheira considera os dois de crianças.

Um dos motivos que levou a conselheira a considerar também o Tony de criança, foi por conta do não cumprimento da primeira filosofia dos ritos da iniciação do norte, que diz que um homem deve tratar a mulher como a sua própria mãe. E o Tony não cumpriu com esse critério.

Rami, a partir dos encontros com a conselheira descobriu que elas, as mulheres do sul, são diferentes das mulheres do norte, e a diferença se centraliza nos ensinamentos que recebiam na família e nas escolas da vida e do amor. Que definiam os seus lugares, atitudes e comportamentos nas sociedades moçambicanas.

A partir dessa transformação, Rami decidiu procurar a terceira mulher a Luísa (Lu) para conversar, mas essa sem perder tempo quando viu a Rami agrediu ela e a briga terminou na esquadra⁷, e lá conversaram e se entenderam. Mas de acordo com a explicação da Lú percebe-se que as mulheres da região norte não precisam ser oficializadas para serem consideradas de esposa legítima, porque o importante não é a cerimônia de casamento ou lobolo⁸, mas o

⁷ Esquadra é mesma coisa que uma delegacia da polícia.

⁸ Lobolo o lobolo tem entre outras as seguintes funções: Unir os antepassados das duas famílias (a da noiva com a do noivo); rezar aos antepassados que deem sorte ao novo lar e sobretudo a fertilidade da noiva; Garantir

essencial é o marido dar assistência a mulher. Assim declara a Lú:

Basta um homem estar comigo uma noite para ser meu marido. E quando essa relação gera um filho o casamento fica consolidado, eterno. Enquanto o Tony me der comida, cama, alimento, sou esposa legítima, sim. (pag.56-57)

A declaração da Lú nos leva a concluir que o valor do casamento varia de acordo com as sociedades, assim podemos perceber que para as mulheres do sul como a Rami, ela se considera a esposa legítima porque foi a única que casou oficialmente com Tony. Mas só que esse termo de esposa legítima vai ganhar significados diferentes para as mulheres do norte (Lú, Saly e Mauá). Por isso aceitaram a condição de esposas consideradas pela Rami de “ilegais”.

Rami outra vez descobriu a partir da rival Lú a existência de uma terceira esposa secreta do Tony que é a Saly, motivo do abandono da Lú. Depois da Saly descobriu a Mauá, a mais jovem de todas. Confirmando a passagem do romance que se segue:

Ela indicou-me a Mauá. Mauá Sualé, uma macuazinha que é um encanto. O coração do meu Tony é uma constelação de cinco pontos. Um pentágono. Eu, Rami, sou a primeira dama, a rainha mãe. Depois vem a Julieta, a enganada, ocupando o posto de segunda dama. Segue-se a Luísa, a desejada, no lugar de terceira dama. A Saly a apetecida, é a quarta. Finalmente a Mauá Sualé, a amada, a açulinha, recém adquirida. O nosso lar é um polígono de seis pontos. (pág.58)

Rami percebeu que tanto ela como as outras 4 esposas foram enganadas e abandonadas pelo Tony, e que elas não passam de ninho onde ele passa só para deixar ovos. Então, precisam pensar no problema que têm em comum, ao em vez de ficarem brigando por um homem que não está na posse de nenhuma delas. Rami, de acordo com depoimento das 4 esposas concluiu que Tony não foi um bom marido, tanto quanto ela pensava, então o melhor que devem fazer é se unirem para que o Tony possa assumir as suas responsabilidades de marido e de pai na vida dos seus filhos.

Sendo assim, Rami resolveu apresentar as 4 esposas e os 16 filhos à família do Tony no dia do aniversário de 50 anos dele, e isso além disso ser um gesto de sororidade da Rami

proteção da mulher na família do seu marido, passando a pertencê-la mesmo depois da morte do seu marido; Garantir o direito a noiva de continuar na casa do marido a cuidar de seus filhos, caso este morra, bem como continuar a ter filhos com irmão do marido. O mesmo permite com se a esposa morrer ainda jovem (sobretudo se deixar filhos menores), a família dela ofereça ao seu genro uma menina para cuidar de seus sobrinhos que serão agora seus filhos e ela passará a ocupar o lugar da sua falecida irmã no lar. (<http://www.brasilescola.com/>)

com às esposas também uniu a família que o Tony deixou espalhada por todos os cantos de Moçambique. Com esse gesto obrigou o Tony a dar assistência àqueles filhos e as esposas que ele só estava usando para mostrar a sua superioridade masculina. Mas a família do Tony condenou aquele ato da Rami de reconhecimento e de unidade das esposas e filhos do Tony, porque achavam aquilo um gesto de humilhação para Tony. A partir daquela apresentação, as os filhos do Tony ganharam a liberdade de pedir que o pai satisfaz as suas necessidades, e como eram muitos, certo momento Tony começou a fugir deles, pois os pedidos foram tantos que ele não estava conseguindo satisfazer todas.

Perante essa situação, Rami resolveu aconselhar as suas rivais de arranjam empregos como forma de garantirem sustento dos filhos, a independência financeira e se prepararem financeiramente caso futuramente Tony não estiver em condições de lhes sustentar. Essa iniciativa da Rami não foi por acaso, foi pensada como um meio de garantir a independência financeira que futuramente pode lhes garantir a liberdade total. Ela percebeu que essas mulheres ficaram presas à vida do Tony mais por conta das questões financeiras e dos filhos, pois Tony não era um marido atencioso com elas. E assim cada uma decidiu buscar emprego. Primeiro, Rami emprestou dinheiro a Saly que comprava cereais em sacos e vendia em copos nas feiras dos bairros. Depois a Lu que vendia roupas em segunda mão. A Mauá começou a cuidar dos cabelos das pessoas na varanda e Jú passou a vender bebidas a retalho.

Depois Tony, a pedido da mãe, legitimou as 5 esposas e reconheceu oficialmente os 16 filhos através da cerimônia de lobolo que não foi com gado, mas sim com muito dinheiro, que foi dado tanto para as esposas, filhos e pais das esposas. A partir desse ato cultural as esposas passaram a ter direitos e cumprir deveres de uma esposa oficial. Segundo a família do Tony, assim as esposas passaram a ser respeitadas naquela sociedade, enquanto que os filhos serão apresentados ao espírito da família e ganharão direitos à herança do pai. Com lobolo, Tony ganhou a coroa do rei, se sentia todo poderoso e dono daquelas mulheres. Devido ao investimento que fez na cerimônia de lobolo, isso lhe deu poder de mandar e desmandar nelas e de procurar outra classe de mulher, porque elas já estão todas sob seu controle. Sendo assim, continua à procura de mais mulheres e conseguiu uma amante, Eva, para variar da cor de pele, e de classe social, porque a Eva era da cor de pele mais clara, e de classe social mais alta do que com as suas esposas. Esse comportamento do Tony de procurar uma esposa de cor de pele mais clara, não é à toa, mas sim nele está enraizado o comportamento do assimilado que coloca ainda ideia eurocêntrica na prática. Conheceu a beleza da mulher a partir da mulher branca, por isso não se conforma com as que já tem.

Queriam dizer não por ser contra os seus costumes culturais. Mas envolve dinheiro e muito dinheiro. Dinheiro para os pais, dinheiro para elas, e para os filhos. Dinheiro que faz falta para comer, para viver, para investir. Quando se trata de benesses, qualquer cultura serve. Elas esqueceram o matriarcado e disseram sim à tradição patriarcal. Passámos três meses a andar de festa em festa. Era importante que todos os lobolos fossem feitos numa rajada, antes que o Tony mudasse de ideias. Nos lobolos todos introduzimos uma inovação: a certidão de lobolo, com todas as cláusulas contratuais, menos aquela parte que fala de assistentes conjugais em caso de incapacidade do marido. Ficaria um bocado imoral, não acham? (pág.124-125)

A forma como Tony realizou a cerimônia de lobolo mostra mais uma vez como ele usou o seu poder financeiro ao seu favor: primeiro não realizou lobolo com gado, mas sim com dinheiro para reafirmar o seu ponto forte com as esposas. Segundo aspecto, criou cláusulas que não fazia parte das normas rituais do lobolo, para melhor garantir o seu lugar de privilégio. Por conta de investimento que fez na cerimônia, passou a se achar o todo poderoso e dono das esposas.

O tempo se passava, e a sororidade entre as esposas do Tony crescia cada vez mais, e trabalho das esposas começou a lhe incomodar, porque as esposas estavam cuidando mais dos negócios do que dele e percebeu o empoderamento das esposas. Começou a ficar chateado e com medo de perder os seus poderes, certo dia Tony saiu de casa da Saly para comprar cigarro e não voltou mais, e causou preocupação nas mulheres e nos familiares. Ao mesmo que se aconteceu houve um acidente que causou morte de um desconhecido. Os familiares de Tony concluíram que o morto era ele e que aquilo era a maldição causada pelas 5 esposas “Diz que lhe insultámos, completamente nuas. Que fizemos correntes negativas contra a sua vida” (pág.155)

Rami duvidava que aquele homem fosse Tony. Mas não adiantava, porque a família do Tony acreditou, só depois que amante Eva informou que Tony viajava de férias à Paris para fazer tratamento de joelho, e foi ela quem custou toda a viagem, o hotel que ele estava hospedado, assim como o tratamento. Mas só que Tony aproveitou para realizara a lua de mel com a Gaby, a amante que o Tony levou à Paris na viagem que foi paga pela amante Eva. Também descobriu que ele tinha 5 esposas, embora Tony só falou da existência da única esposa Mauá. Diante dessa confusão e decepção causada por Tony, as esposas queriam vingar -se dele.

Pelo fato de terem julgado que ele morrera, a família de Tony determinara a cerimônia de luto, e horas depois da Rami ser tchingada⁹ pelo irmão herdeiro do Tony chamado Levy,

⁹ Tchingada é um dos critérios do lobolo que permite em caso da morte do marido que o irmão dele

Tony apareceu e entrou em desespero depois que perdeu a Lú para Vitor, ficou com medo de ser abandonado pelo resto das esposas, porque estavam elas estavam se dando bem nos negócios e estavam tendo novos objetivos na vida e não de servir o “marido”. Por isso, elas decidiram arranjar uma esposa mais nova para cuidar do Tony, pois era um dos direitos garantido pelo lobolo as esposas, mas ele rejeitou a moça (Saluá). Assim começou a fuga das esposas a Saly, a Jú, a Mauá, e por último a Rami que ficou com ele porque não queria abandoná-lo naquela solidão, mesmo sabendo que não conseguiria ficar com ele. Porque depois do ritual tchingada com Levy, Rami descobriu que ficou grávida e posteriormente Tony também fica sabendo disso, e não tinha mais a quem recorrer entrou em crise.

4.2 A ficção moçambicana como a representação das teorias estudadas

Esse romance nos faz pensar na situação das mulheres africanas a partir personagem Rami e das outras esposas do Tony, e das diferenças entre as mulheres das diversas regiões de Moçambicanas, e os desafios das mulheres africanas perante a cultura na contemporaneidade. Em cada região tem a sua forma de dar sentido a casamento e a poligamia, isso mostra que as mulheres estão fora do risco de serem consideradas homogêneas, porque a educação, a tradição de cada região influenciava de forma diferente a atitude e o comportamento de cada uma delas. E também esse romance demonstrou as opressões sofridas pelas mulheres em Moçambique começando desde do tratamento diferenciado das crianças de sexo diferente. A construção de espaços de privilégios dos homens é tão vasta que se alastrou até na forma de alimentação, em que a mulher quando cozinhava a galinha era obrigada a tirar as melhores partes da galinha para o marido e os pés para ela. Isso porque o homem se considera mais forte fisicamente, deve se alimentar bem para continuar forte. Enquanto que a mulher por ser considerada fraca e inferior, deve comer as partes menos importante da galinha. O justo seria a mulher comer as boas partes, pois foi quem cozinhou a galinha, foi quem enfrentou a temperatura na cozinha.

Nesse caso vamos recorrer a história da “princesa insubmissa estampada na lua” contada por uma das tias do Tony como forma de silenciar a luta das esposas do Tony, mas

a Rami de maneira particular não desistiu dessa luta, usou outras estratégias e levou adiante a luta da princesa Vuyazi:

Era uma vez uma princesa. Nasceu da nobreza, mas tinha o coração de pobreza. Às mulheres sempre se impôs a obrigação de obedecer aos homens. É a natureza. Esta princesa desobedecia ao pai e ao marido e só fazia o que queria. Quando o marido repreendia ela respondia. Quando lhe espancava, retribuía. Quando cozinava galinha, comia moelas e comia coxas, servia ao marido o que lhe apetecia. Quando a primeira filha fez um ano, o marido disse: vamos desmamar a menina, e fazer outro filho. Ela disse que não. Queria que a filha mamasse dois anos como os rapazes, para que crescesse forte como ela. Recusava-se a servi-lo de joelhos e a aparar lhe os pentelhos. O marido, cansado da insubmissão, apelou à justiça do rei, pai dela. O rei, magoado, ordenou ao dragão para lhe dar um castigo. Num dia de trovão, o dragão levou-a para o céu e a estampou na lua, para dar um para dar um exemplo de castigo ao mundo inteiro. Quando a lua cresce e incha, há uma mulher que se vê no meio da lua, de trouxa à cabeça e bebé nas costas. É Vuyazi, a princesa insubmissa estampada na lua, exemplo de castigo ao mundo inteiro. (pag.157)

Histórias como de Vuyazi, são criadas como estratégias de silenciamento capazes de impedir luta das mulheres, e na maioria das vezes são criadas por pessoas de sexo masculino como forma de preservar os privilégios masculinos numa certa sociedade. Nesse caso a história dessa princesa pode ser considerada como fonte de inspiração para Rami, na medida que foi capaz de libertar suas rivais da opressão do Tony.

As mulheres moçambicanas assim como as dos demais países colonizados durante a época colonial sofreram opressões de dois lados: por um lado foram oprimidas pelos colonizadores e por outro pelos maridos através da cultura tradicional. As esposas do Tony representam as mulheres do período pós-colonial e que graças a sororidade entre elas, foram capazes de questionar e transformar certas tradições que de uma maneira ou de outra promovia a desigualdade de gênero.

A partir do conflito típico das mulheres de algumas sociedades africanas da contemporaneidade, as esposas do Tony embora tenham nascido numa certa tradição onde o casamento oprime as mulheres, em fim a partir da sororidade criada pela Rami, passaram a entender o jogo da tradição, e resolveram transformar as suas solidões em alegrias e tradições injustas em justiça. A conversa da Rami com espelho explica a sua transformação, ou seja, o nascimento de uma nova mulher, e a rejeição da sua antiga pessoa submissa que era. Retomando a ideia da Yusuf Bakare sobre a possibilidade das mulheres africanas compreenderem as diferenças entre a tradição e a contemporaneidade. Com isso, será possível manter as constantes transformações culturais.

No começo da narrativa a atitude desesperada da Rami revela a consequência da educação informal que ela recebeu da mãe dentro do sistema patriarcal, uma educação que ensinava as meninas a casarem para serem “boas esposas” no sentido de se submeterem aos maridos e serem protegidas pelos mesmos, também essa educação defende a ideia de que uma casa que não tem nenhum homem, é uma casa desprotegida. Por isso, a Rami depositou toda confiança no marido, ela se achava que todos os problemas que estavam acontecendo na ausência do Tony, podiam ser resolvidos por ele por simples fato de que ele era homem. Como solução dessa atitude da Rami, a Chimamanda Adichie vai trazer na sua sétima sugestão no livro **Para Educar Crianças Feministas (2017)**, um conselho capaz de evitar erro na forma de educar meninas, porque essa solidão da Rami podia ser evitada pela mãe ou pai durante o processo educativo que idealizava o casamento como um centro de salvação e felicidade total das mulheres. O justo, segundo Adichie, seria se esses ensinamentos sobre casamento fossem também ensinados para homens. Uma das passagens do romance que mostra essa confiança das mulheres nos maridos foi essa:

Se o Tony estivesse por perto repreenderia o filho como pai e como homem. Se ele estivesse aqui, agora, resolveria o problema do vidro quebrado com o proprietário do carro, homem com homem se entendem, ah se o Tony estivesse perto um marido em casa é segurança e proteção. Na presença de um marido, os ladrões se afastam. Os homens respeitam... na presença de um marido, um lar é mais lar; tem conflito e prestígio. (Pag. 11)

Ainda nessa passagem, Rami comentou para caçula “ Betinho um homem não se mija de medo” (pag.10). Isso lembra a obra de Baticã no seu manual de **Igualdade e Equidade de Gênero (2015)**, quando afirma que as pessoas vivem o tempo todo monitoradas, tentando dar significado ao masculino ou feminino. Atitude da Rami de proibir ao Betinho de mija de medo, comportamento com essa, é uma das consequências do conceito de gênero baseado nas diferenças biológicas, essa forma de determinar aos meninos ou as meninas o que devem ou podem fazer como meninos/as, muita das vezes influencia na realização ou não dos sonhos ou desejos de muitas crianças e jovens. Ainda esse tipo de comportamento pode impossibilitar os meninos de mostrarem realmente o que eles são, acabam por ser hipócritas por si mesmos.

Vamos conhecer a partir da Rami um outro lado da história das vizinhas abandonadas pelos maridos, em que disse:

Não há homens neste bairro, as mulheres é que governam as famílias, mas quando a noite cai, veem - se muitos homens a entrar e sair de algumas casas

como ladroes sorrateiramente. São homens casados, com certeza, e dessas relações nasceram filhos, muitos dos quais morrerão sem conhecerem os pais. (pag.13)

Essa situação podia ser outra, se essas mulheres junto com os maridos tivessem oportunidade de conhecer a segunda sugestão da Adichie ainda na obra **Para Educar Crianças Feministas**, porque vão perceber que tanto elas, assim como os maridos têm a mesma responsabilidade de cuidar dos filhos, porque os dois deram vida aquelas crianças e não é nada mais justo se os dois cuidarem do crescimento das mesmas no mundo. Por isso, a injustiça nesse caso não é o ato do abandono dos maridos às esposas, mas sim abandono dos filhos, porque aquelas crianças precisam do amor dos pais, e elas devem saber que são resultado da união de duas pessoas, e porque uma tem que cuidar delas mais do que a outra. E quanto as esposas, devem entender a realidade do casamento, que as mil maravilhas que lhes são ditas antes do casamento não existiam, eram apenas projetadas, e é possível serem uma realidade pós casamento, assim como possível não ser.

A passagem do romance que reafirma o significado do casamento para as mulheres tradicionais foi:

Ninguém pode entender os homens, como é que Tony me despreza assim, se não tenho nada errado em mim? Obedecer sempre obedeci. As suas vontades sempre fiz. Dele sempre cuidei. Até as suas loucuras suportei. Vinte anos de casamento é um recorde nos tempos. (pág.14)

Para Rubin certas culturas incentivam que a mulher se limite ao papel materno, enquanto que o homem passa a entender que o seu papel é só de trazer bens, alimentos para sustentar os filhos que a mulher vai reproduzir.

Quando a Rami encontra a conselheira amorosa, uma das primeiras perguntas da conselheira amorosa era, se a Rami aprendeu algo sobre sexo antes do casamento, e infelizmente não aprendeu. Isso foi um dos temas de debate da Adichie na décima segunda sugestão do livro **Para Educar Crianças Feministas (2017)**, onde mostra a importância de os pais falarem com as(os) filhas/os sobre o sexo. Porque o sexo faz parte da vida humana. E na medida que vira tabu entre pais e filhas/os, sempre vai gerar consequências capazes de comprometer relacionamentos das/os filhas/os no futuro. A Rami foi preparada para servir o marido com atividades domésticas e desempenhar papel materno, mas não foi instruída sobre os truques de amor que pode ser considerada a ferramenta mais importante do que atividade doméstica no casamento. Mas a partir do seu encontro com a conselheira, pode se concluir

que ainda o corpo feminino é controlado pelas culturas e religiões. Foi o que aconteceu com a Rami, onde foi ensinada muitas coisas menos importantes para sua felicidade com Tony. Também percebe se que o corpo da mulher ganha valores diferentes de acordo com cada região, sociedade e o tempo.

Retomando a crítica da Yusuf Bakare (2003) quando se coloca contra a ideia de homogeneidade das mulheres. Isso mostra que o conceito da mulher, deve ser descrito e interpretado conforme a realidade social de cada região.

Isso também pode ser interpretada na base da resposta da Bibi Bakare Yusuf sobre o conceito da mulher no livro **Segundo Sexo (1949)** de Simone de Beauvoir, onde Yusuf explica que o corpo da mulher não pode ter um só conceito, porque ele depende do lugar que se encontra, e qual é o significado do homem e da mulher naquele contexto social. Por isso, não deve ter um único conceito da mulher, porque existe uma grande diversidade entre as mulheres.

Depois que a Mauá descobriu que Tony tinha amante, isso não gerou mais surpresas por parte da Rami, porque já não fazia diferença se o Tony aumentar ou diminuir esposas, pois acha que a poligamia não tem limite, vai de acordo com a potência de cada polígamo.

Homem com duas mulheres é um bocadinho homem. Pode dar opinião, mas não pode decidir. Não pode ser rei, nem regente, nem régulo. Homem com três é verdadeiro homem, sabe mediar conflitos, sabe conduzir negócios de família. Nas nossas tradições as mulheres não têm direito a voto; de resto, na aristocracia não se vota, mas as mulheres adquirem algum estatuto. Só ganha estatuto aquela que sabe partilhar o marido. (pág.131)

Essa voz de socorro da Rami, está trazendo sobre algumas construções criadas dentro da cultura, religião e política. Que acabam ganhando a conceito natural pela constante reprodução. Nesse caso, segundo a Rami o homem com uma mulher, não pode ser rei, porque o poder de rei foi associado com poder da superioridade masculina sobre as mulheres. Entende-se que nessa sociedade a capacidade de reinar está na base da potência masculina, quanto mais controle e capacidade de governar as mulheres um homem tem, será mais capaz de reinar ou liderar uma comunidade. Então, significa que o significado do masculino está na base da quantidade de esposas que um homem pode ter. (Chiziane aqui discute a simbologia da poligamia...)São construções criadas para garantir a subordinação e opressão contra as mulheres, Assim como a proibição dos votos hoje pode ser entendida como forma de silenciar, limitar a capacidade e lugar das mulheres. Uma das finalidades de tudo isso, pode

ser de garantir o poder de liderança nas mãos dos homens e atribuição do papel de reprodução a mulheres.

Perante a situação de empoderamento das esposas, houve a descentralização do poder, e Tony não se conformou, resolveu pedir divórcio a Rami, como forma de vingar -se da atitude revolucionária dela. E a Rami com medo de perder a dignidade conquistada naquela sociedade pelo casamento, não queria e assim como não tinha por onde ir com os seus filhos. Além disso podemos entender que atitude da Rami além de “respeito” ao valor que o casamento tinha naquela sociedade, também queria que o Tony aprovasse o sentimento de inferioridade e a solidão do abandono das esposas que brevemente iria acontecer, porque as esposas do Tony já conseguiram graças aos seus empregos o que lhes deixavam presas no casamento de poligamia.

Tony vivia desesperado com o abandono das esposas, e com a nova esposa que as mesmas lhe arranjaram, mas que rejeitou, descobriu que a Rami estava grávida. O desespero era tão grande que pediu que a Rami o salvasse e ela respondeu que: “Não te posso salvar. Tento salvar-te, mas não consigo, não tenho força, sou fraca, não existo, sou mulher. Os homens é que salvam as mulheres e não o contrário.” (pág.333) Queria um sim por parte da Rami, para confirmar que o filho que ela estava esperando era dele, a fim de confirmar o seu poder masculino, mas atitude da Rami foi de reproduzir o discurso que ele construiu a partir da lógica patriarcal. Nessa parte, a personagem está sendo irônica com o Tony, mostrando para ele que a mulher também pode salvar um homem, mas só que ela não vai fazer isso, porque sabia que Tony não a valorizava como pessoa igual. Tony não quis abrir mão dos seus poderes naturalizados. O discurso do Tony ainda carregava essa atitude de superioridade perante as mulheres: “Gostaria de dizer-te que és uma grande mulher. Também não posso. As mulheres são sempre pequenas” (pág.328)

Grças a Rami, as esposas do Tony ganharam a asa e voaram, sabiam que tinham asas, mas só que nunca sabiam como voar e nem teriam coragem de voar se não fosse a Rami. Aprenderam a romper com certas regras tradicionais e da poligamia do Tony, quebraram o silêncio. Como recomenda a historiadora Scott (1995,)|| Precisamos rejeitar o caráter fixo e permanente da oposição binária, precisamos de uma historicização e de uma desconstrução autêntica dos termos da diferença sexual.|| (pág. 18) Com essa atitude, a Rami mostra que as mulheres podem virar essa página, deixarem de ser agulha de muitas linhas (homens), porque eles só valorizam as mulheres quando estão no desespero. Tony achou tão natural a sua superioridade sobre as mulheres ao ponto de achar que o seu casamento com as 5 esposas era um favor que estava fazendo elas.

Fiz-vos um grande favor, registem isso. Dei-vos estatuto. Fiz de vocês mulheres decentes, será que não entendem? São menos cinco mulheres a vender o corpo e a mendigar amor pela estrada fora. Cada uma de vocês tem um lar e dignidade, graças a mim. Agora querem controlar-me? (CHIZIANE 2004, p.741)

Esse comportamento do Tony tem a ver com o que ele aprendeu na sua sociedade sobre papel do homem no casamento. Isso lhe fez sentir o protetor, salvador e atribuidor da Dignidade humana a mulher na sociedade. Com esse poder de superioridade que o seu meio lhe ofereceu lhe incentiva a multiplicar as suas práticas de poligamia e dono das suas esposas, pelo fato de ser responsável pelas despesas daquelas famílias, também lhe é atribuído o poder de decisão. Tony virou polígamo, porque foi a tradição deixado pelos mais velhos para os mais novos, porque quanto mais esposas ele tinha, mais ganhava o prestígio social.

Traição é crime, Tony!

—Traição? Não me faça rir, ah, ah, ah, ah! A pureza é masculina, e o pecado é feminino. Só as mulheres podem trair, os homens são livres, Rami. (pág. 29)

Os estereótipos de gênero são tão profundamente inculcados em nós que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade. (ADICHIE 2017, pág.12) Para Tony existe um certo muro que divide o comportamento de um homem com o da mulher, existe uma certa aceitação social do que um homem pode fazer e que uma mulher não pode fazer porque é mulher. Mas para Adichie no seu livro **Para Educar Crianças Feministas**, isso não passa de uma estratégia de dominação masculina. As meninas/mulheres não podem deixar de fazer nada que querem fazer pelo simples fato de serem meninas/mulheres, porque o que importa é a capacidade de fazer aquela coisa. E que a diferença biológica entre homem e a mulher não é mesma coisa com papeis de gênero.

Tony comete violências psicológicas com a Rami através de difamações como “tás tão colorida que pareces uma borboleta. Pareces açafraão. Piripiri maduro. O que te inspira a esses gostos tão espampanantes?” (pág48) Além das violências psicológicas, Tony também cometia violências física contra Lú. E segundo o relato do Vitor amante da Lú, e conheceu a Lú no dia que foi espancada pelo Tony e expulsa de casa grávida. E a diferença é que Tony trata as mulheres de forma diferente, porque não comete violência física com a Rami, cometia com a Lú por que a Lú não é legítima.

Quando Mauá descobriu que Tony arranhou amante de nome Eva, e as mulheres convocaram um encontro com Tony a fim de lhes dar a explicação, mas Tony é tão arrogante, e além disso egoísta. Se considera o todo poderoso de tal forma que definiu a sua poligamia como um gesto de salvação à 5 esposas, porque caso contrário elas não teriam outra vida melhor do que estão levando com ele.

Fiz de vocês mulheres decentes, será que não entendem? São menos cinco mulheres a vender o corpo e a mendigar amor pela estrada fora. Cada uma de vocês tem um lar e dignidade, graças a mim. Agora querem controlar-me? (pág.142)

Queria ter o poder de oprimir as suas esposas vida toda, mas só que elas graças aos seus autos empregos começaram a ser livres e autônomas. Esse momento provocou no Tony desespero, e passou a culpar a Rami por tudo que estava fugindo do seu controle, até ao ponto de pedir divorcio a ela, porque ela foi responsável pela libertação e empoderamento das outras esposas, até no ponto de confrontá-lo.

— Estamos a ganhar dinheiro para melhorar a vida Tony.
 — For isso me afrontam, porque têm dinheiro. For isso me abusam, porque têm negócios. Por isso me faltam ao respeito, porque se sentem senhoras. Mas eu sou um galo, tenho a cabeça no alto, eu canto, eu tenho dotes para grandes cantos. Pois saibam que o vosso destino é cacarejar, desovar, chocar, olhar para a terra e esgaravatar para ganhar uma minhoca e farelo cie grão. Por mais poder que venham a ter, não passarão de uma raça cacarejante mendigando eternamente o abraço supremo de um galo como eu, para se afirmarem na vida. Vocês são morcegos na noite piando tristezas, e as vossas vozes eternas gemido >s.(pág.166-1667)

A partir dessa fala do Tony pode se confirmar que ele estava gostando do jeito que as esposas dependiam dele, queria continuar senhor dos pastores. Porque ele aprendeu que o homem é quem e desmanda nas suas esposas, e que não podiam lhe contrariar.

Depois que a Lú decidiu largar Tony e casar com amante Vitor, o homem com quem tinha caso há muitos anos, Tony sentiu traído, parece que perdeu um dos membros do corpo. Sentiu a dor do abandono que queria evitar quando tentou se divorciar da Rami, como forma de impedir que ela ajudasse as outras esposas a alcançarem a liberdade.

Bastam-me, sim. Mas o que dirá o mundo? Todos os homens zombarão de mim. Todos duvidarão da minha virilidade e serei motivo de chacota. Dirão que entrei na andropausa. Que estou a perder os meus poderes. Que deixei a gaiola aberta por incompetência. (pág.271)

Tony não aguentou a situação de abandono, entrou na depressão antes do casamento e foi hospitalizado. Porque ele acreditava no poder que lhe foi dado pelo patriarcado e não estava preparado para perder nenhuma delas:

— Não me fales das outras, Rami. Elas colavam-se a mim porque queriam dinheiro. Agora elas têm os negócios delas, já não me respeitam. Não se pode confiar nas mulheres.

— Não te respeitam? Como?

— Já não me servem de joelhos como antes, nem me massajam os pés quando descalço os sapatos. Ultimamente, quem me abre a porta é o criado, porque elas nunca estão em casa. Só têm a cabeça nos negócios e dizem que estão ocupadas. (pág. 302)

O respeito que o Tony está exigindo das outras mulheres é que elas continuassem submetendo as suas ordens, e que ele continua sendo o centro de atenção na vida delas. Não deseja ver as suas esposas executando outras tarefas, além de servi-lo, porque aprendeu que o papel da mulher é cuidar do marido e dos filhos.

— Fiz do amor um jogo suicida e os vossos choros me perseguem como fantasmas. Ter muitas mulheres não é ser macho, é ser pasto. Nem sei como esses filhos nasceram ou cresceram. Nunca acompanhei as mães à maternidade, nunca os peguei ao colo, são tantos que até lhes troco os nomes, nunca fui aos aniversários deles. (pág. 331)

Nessa passagem, Tony mostra o quanto ele foi um pai irresponsável, porque nunca foi um pai presente na vida dos 16 filhos. Personagem dele traz reflexões para atualidade situação de homens que não assumem as suas responsabilidades de pais, porque acham que cuidar dos filhos é da responsabilidade das mães, por causa da associação da característica biológica da mulher com o seu papel social.

A segunda esposa do Tony se chama de Julieta teve 5 filhos com ele, e estava grávida do sexto faz 6 meses. Jú foi enganada pelo Tony, não sabia da existência da esposa legítima passou o tempo todo na esperança de um dia se casar com Tony. Foi esposa do Tony desde muito nova, sempre que ficava grávida Tony sumia, e quando voltava engravidava ela novo, e ela sempre acreditava nas promessas que ele fazia. Deixou de estudar para cuidar dos filhos. Depois que descobriu que foi enganada esse tempo todo por Tony, transformou numa mulher madura, revoltada, capaz de falar o que pensa. Foi apoiada pela Rami e virou vendedora de bebidas em retalho, e mais tarde teve armazém onde vendia bebidas ao grosso. E por fim, casou com um português. A personagem da Jú, representa aquelas mulheres

cujos sonhos foram destruídos pelas promessas de casamento feito pelos homens. E tudo se deve ao valor atribuído ao casamento nas suas sociedades.

A Luísa (Lú) é a terceira esposa do Tony e tem dois filhos com ele. É uma mulher pragmática, foga e sincera. Sabia que Tony era casado, ainda assim ficou com ele, porque já sabia da poligamia porque ela é da Zambézia e lá homem é espécie de pão, se partilha. Por isso, ela acha isso normal, desde que o Tony lhe dê tudo que ela precisa (comida, casa, roupas...). O seu comportamento de conformismo foi herdado da mãe que teve 8 filhos, mas cada filho/a tinha o seu pai. Para a Lú, poligamia não é crime, seria crime se um homem deixar mulheres sem cobertura. Mas para Rami Tony deve ser só dela, porque ele só tem um coração, mas para ela, Tony pode ser de muitas mulheres, porque o papel do Tony é de dar assistência (dinheiro, comida, casa, filhos) as mulheres. Para Lú casamento ficou consumado desde do momento que deu filho para Tony, e que vai continuar sentindo esposa legítima desde que Tony continua lhe sustentar com os filhos.

A Lú é tão apegada a partilha que chegou de partilhar o seu amante com a Rami. Conforme diz a passagem do texto abaixo.

Na minha aldeia, o amor é solenemente partilhado em comunhão como uma hóstia. O sexo é um copo de água para matar a sede, pão de cada dia, precioso e imprescindível como o ar que respiramos. Se já partilhamos um marido, partilhar um amante é mais fácil ainda. Assim as contas estão pagas, não é, Rami? (pág.82)

Com ajuda da Rami retomou o seu trabalho de vender roupas na esquina da rua teve sucesso, depois teve loja de roupa e virou empresária. Mais tarde com apoio de Rami aceitou casar com amante Vitor, o amante que ganhou no dia que foi espancada pelo Tony e um dia antes do segundo filho nascer, o qual denominou de Vitor.

Saly é a quarta esposa, e tem 2 filhos com Tony. É boa cozinheira e gosta de briga. Ela considera Tony marido dela quando estiver com ele, mas quando não está com ela, significa que é de outra. Ela era aquela esposa que alimentava bem o Tony, porque gostava de cozinhar.

Para garantir pão, sal e carvão iniciou vendendo cereais com ajuda da Rami, mas mais tarde teve sua loja, vende bebidas ao grosso, tinha um café e um salão de chá

É um tipo de mulher que usa suas habilidades de cozinha como isca para pescar os homens, mas só que atualmente uma mulher precisa de muito mais recursos para pescar um homem. Recursos como: formação superior, emprego para merecer a admiração, respeito e atenção dos homens.

A Mauá é a mais nova esposa do Tony, e é a mais amada por ele. Ela conclui que foi

educada para casar e cuidar de homem e não para trabalhar. E que o homem que é responsável para satisfazer todas as suas necessidades pessoais. Mas, graças a ideia da Rami aprendeu a trabalhar de cabeleira e teve sucesso. Depois abandonou o Tony e foi atrás do padre italiano que despiu a batina para ficar com ela. Ela representa as meninas mais novas, que sonham com a vida de luxo, e o homem é o responsável pelas suas despesas como sendo forma de mostrar os seus “poderes de mulheres”.

A iniciativa da Rami de procurar a tia Maria é de entender melhor o seu lugar nessa história, é uma forma de resgatar o passado das mulheres da sua tradição. Como mostra Yusuf Bakare (2003) que, as mulheres africanas precisam entender os seus lugares na história, para melhor entenderem as suas posições hoje e decidirem o que pretendem ser.

A tia Maria contou a sua história a Rami, mostrando a ela que a poligamia na sua época não era crime, portanto usou como referência o caso do Abrão, Isac e Jacob na Bíblia. Como forma de mostrar para ela que a poligamia é uma herança cultural. Tia Maria a partir da sua sociedade vai definir a vida como partilha, sendo assim, pode se partilhar mulher tanto como homens não tem problemas. Ela viveu na poligamia, porque foi uma das esposas do rei que tinha vinte e cinco esposas, e era tudo bem organizada de forma democrático, e tinha até assembleia das esposas. E abandonou a realeza com a morte do rei, acabou ficando com dois homens na mesma casa, pois um foi o pai dos seus filhos, e outro ajudou ela a criar os seus filhos. A fala da tia Maria é de mostrar como era organizada politicamente o seu casamento de poligamia, era para mostrar a Rami que o poder hierárquico estava organizado de maneira igualitário, as esposas tinham liberdade de expressão e eram todas reconhecidas legalmente reconhecidas e respeitadas. E em comparação com a forma como o casamento do Tony estava organizada politicamente era diferente. Primeiro, pode se constatar que poligamia do Tony acontecia de forma desigual entre as esposas na medida que casou oficialmente somente com a Rami, e as outras são secretas. Ele se considerava centro de poder e de saber. Ele era homem para essas esposas, mas não era marido. Isso se deve à falta de atenção e carinho que não dava a elas, e assim como aos seus filhos.

A personagem da mãe do Tony, representa uma viúva com 3 filhos, entre eles um que vai ser padre, Levy e seu querido Tony. É uma mulher severa, bondosa e tradicional. Defende a prática da poligamia como sendo um meio de continuação da linhagem. As passagens do romance que comprova isso são:

Mal me viu, começou a gritar comigo. Disse que eu era assassina, que lhe tentara matar o filho, que era má, estúpida, sem responsabilidade e não conhecia o valor do homem que tinha. (pág.113)

— É verdade que reuniste todas as mulheres, à vista de toda a gente?

— Sim.

— Graças a Deus! Não foi só a tua vontade, minha vontade, Rami. Os antepassados guiaram os teus passos para a reunião da grande família, no grande dia. És uma grande mulher.

—Acha que sim? —caio de surpresa. A voz da velhota perde a violência, e o ritmo sobe gradual, doce, melodioso. (pág.114)

A primeira atitude que teve com a Rami, foi de crucifica-la por ter apresentado as outras mulheres secretas do Tony à família cuja a maioria dos membros era religioso, inclusive um tio do Tony padre estava nesse dia. Esse comportamento da mãe do Tony é ao mesmo tempo contraditório, na medida que defende a tradição, foge das condenações de igreja católica. Não queria que o tio do Tony, padre soubesse que o sobrinho era polígamo, e ao mesmo tempo ela apoia a coragem do filho, por ter mais de que uma esposa. Mas, depois que ouviu a versão da Rami descobriu que o motivo dessa apresentação era porque a nora não quis perder o Tony e também porque essas esposas foram enganadas por Tony igual a ela. Parabenizou o filho pelos 16 netos, e a Rami por fazer ela descobrir que afinal tinha muitos espalhados pelo Moçambique.

Diz que a grandeza de um homem se afirma pelo número de filhos que tem. Que a poligamia é a natureza do homem: embora se condene, não é crime, não faz mal a ninguém. Que um homem que se preze tem que ter pelo menos três mulheres. Que o marido nunca fora polígamo porque era pobre e operário, mas o Tony era doutor e rico, por isso precisava de ter com quem consumir a fortuna. Agora quer saber da vida das quatro noras. Eu conto-lhe maravilhas. Invento histórias de embalar e ela se encanta. (pág.115)

A tese da mãe do Tony tem como objetivo reconhecimento dos netos como herdeiros dos bens de do Tony, e responsáveis pela continuidade da linhagem. Por isso, defende a vantagem da poligamia do filho, porque vai ampliar a sua família e para ela isso era motivo de orgulho. Ela não passou no casamento de poligamia, porque o pai do Tony não era polígamo, caso o marido dela fosse o tipo de polígamo que o filho é, descobriria que poligamia não passa de uma corrente de opressão contra as mulheres e um espaço de infelicidade dos filhos, pois vivem sem carinho do pai. Segundo Adichie (2015) “A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura.” (pág. 65) Com essa reflexão, a mãe do Tony precisa entender que a evolução da sociedade anda em paralelo com a transformação da cultura por conta dos agentes modificadores que têm em comum. Cultura do mesmo modo que foi criada pelos indivíduos, assim também precisa ser transformada pelos mesmos agentes. Deve ser feita uma análise sobre a origem da poligamia na sociedade moçambicana, e descobrir as principais responsáveis pela criação das suas regras. Depois, descobrir as suas vantagens naquela época. Assim para melhor criação de critérios de desconstrução e de conscientização das pessoas como a mãe do Tony das

consequências que a poligamia que o seu filho faz estava trazendo na vida das mulheres e dos filhos do Tony:

— Devem servir o vosso marido de joelhos, como a lei manda. Nunca o servir na panela, mas sempre em pratos. Ele não pode tocar na loiça nem entrar na cozinha. Quando servirem galinha, não se esqueçam das regras. Aos homens se servem os melhores nacos: as coxas, o peito, a moela. Quando servirem carne de vaca, são para ele os bifés, os ossos gordos com tutano. É preciso investir nele, tanto no amor como na comida. O seu prato deve ser o mais cheio e o mais completo, para ganhar mais força e produzir filhos de boa saúde, pois sem ele a família não existe...

— Vocês, as mulheres modernas, têm o mau hábito de alimentar os homens de qualquer maneira...

Não comam nunca a cabeça de peixe, nem de vaca, nem de cabrito, que é comida de homem. A cabeça do animal representa a cabeça da família. A cabeça da família é o homem.

— Na ausência do pai, toma o comando da família o filho varão mais velho, mesmo que seja um bebé, é um líder, é o chefe da família por substituição (pág.126-127)

Dessa forma, a mãe do Tony compreendia as regras do casamento para uma mulher. Se formos analisar cada recomendação deixada por ela, chegaríamos as seguintes conclusões: - primeira, o significado do gesto de ajoelhar é interpretado de diversas maneiras nas várias sociedades e uma das interpretações na sociedade cristã, é que ficar de joelho na igreja expressa a submissão a Deus, a obediência à sua vontade, a adoração, a humildade e a penitência. Segunda recomendação - o marido não deve tocar no prato e nem entrar na cozinha - isso se deve a divisão sexual de trabalho. O trabalho doméstico não está naturalmente vinculado a biologia feminina, é uma construção social. Na verdade, para qualquer que seja a pessoa que quer se nutrir bem, deve se interessar pela cozinha, independentemente do sexo. Isso foi discutido por Adichie (2015) –elas cozinham e limpam a casa. Mas por que é assim? (pág.48) Se as mulheres tivessem gênero definidos para cozinhar as melhores cozinheiras do mundo seriam elas e não os homens. Lembrando o que a Rubin (1993) discutiu sobre a necessidade de desassociação do trabalho com os sexos. Trabalho deve ser atribuído de acordo com a capacidade ou a escolha de cada pessoa.

CONCLUSÃO

Com esse trabalho, partindo dos conceitos de educação formal, informal e não formal, segundo Gaspar (1990), compreendemos que a educação informal pode acontecer dentro da família, onde os conhecimentos partilhados podem ser sobre qualquer assunto e em qualquer

lugar, acontece de maneira espontânea. Segundo a explicação da Rubin (1993) podemos resumir que a divisão sexual de trabalho e assim como casamento tem sua origem nas relações de parentesco. A associação das diferenças biológicas com os papéis de gênero são resultados das desigualdades sociais de gênero, opressão contra as mulheres e violência contra as mulheres.

Com base na análise do romance Niketche, pudemos observar a diversidade existente entre as mulheres das diversas regiões de Moçambique e de que forma, apesar das diferenças, a aliança entre mulheres pode conduzir à superação de suas opressões. Aprendemos sobre o comportamento dessas mulheres no período pós-colonial perante o sistema polígamo. Chiziane através das esposas do Tony deu voz às mulheres oprimidas e silenciadas. Com essas representações, a autora nos leva a conhecer as tradições e a projetar as realidades moçambicanas.

No romance, há uma discussão ampla sobre as diferenças de gênero. A diferença entre homem e mulher já fica nítida no nascimento, quando, o anúncio da criança do sexo masculino é reconhecido com 5 batidas de tambor enquanto que a de sexo feminino é reconhecida com 3. Podemos perceber que com essa diferença as crianças aprendem a respeitar as diferenças sexuais de maneira tão natural, porque é o que a cultura lhes impôs para cumprir.

Lavamos a loiça. Conversamos, lavando também as nossas mágoas. A memória cava histórias antigas, histórias do ciclo vital. A Ju relata coisas da sua infância. Ao nascer, a menina é anunciada com três salvas de tambor, o rapaz com cinco. O nascimento da menina é celebrado com uma galinha, o do rapaz celebra-se com uma vaca ou uma cabra. A cerimônia de nascimento do rapaz é feita dentro de casa ou debaixo da árvore dos antepassados, a da menina é feita ao relento. Filho homem mama dois anos e mulher apenas um. Meninas pilando, cozinhando, rapazes estudando. O homem é quem casa, a mulher é casada. O homem dorme, a mulher é dormida. A mulher fica viúva, o homem só fica com menos uma esposa. (CHIZIANE 2004, p. 161)

Nesse romance Niketche, as esposas do Tony apresentaram as diversidades na educação informal, especificamente a de região norte e sul. Essa diversidade influenciou no comportamento esposas do Tony, que fizeram com que o casamento passasse a ter vários significados. O personagem Tony pode nos levar a entender como os homens da região do sul de Moçambique determinam a hierarquia de gênero. O romance discute o papel de homem ou de mulher nas sociedades tradicionais, e assim como nas sociedades contemporâneas, um confronto entre os ritos da iniciação feminina como sendo a fase de preparação para a vida adulta e para o casamento nas diversas regiões de Moçambique. Paulina Chiziane, construiu no romance a expressão de todo processo de revolta das mulheres contra a opressão do marido

Tony. Dessa forma, como se deu a sororidade e a desconstrução da ideia de que as rivais sempre devem brigar como inimigas por causa dos homens. Ela descreveu diálogo entre as mulheres, a autonomia financeira, a insubmissão das mulheres diante da tradicional prática de poligamia, a conquista da liberdade. Todo esse processo das mulheres está relacionado com o lugar que a mulher ocupa na história independentemente de sociedade ou do lugar, por isso, a Scott (1995) defende a necessidade de a história ser contada de novo no sentido de a mulher ser incluída junto da história da economia e da política. Yusuf (2003) chama atenção sobre as diferenças entre as mulheres, particularidades das mulheres e sobre vários significados que o corpo da mulher africana pode ter e isso foi demonstrado no romance, através das esposas do Tony. Para descobrir essas diferenças o essencial é, estudar a origem da construção do conceito do homem e da mulher nas culturas, como podem resultar em várias formas de desigualdade e, a partir disso, criar as formas de combater a desigualdade social ou o sistema patriarcal. Com essa desconstrução e construção do novo papel de gênero, podemos chegar a uma situação de maior justiça.

Ensinaremos aos homens a beleza das coisas proibidas: o prazer do choro, o paladar das asas e patas de galinha, a beleza da paternidade, magia do ritmo do pilão a moer o grão. Amanhã, o mundo será mais natural, e os nossos bebês, tanto meninas como rapazes, terão quatro anos de mamada. Na hora de nascer, as meninas serão também recebidas com cinco salvas de tambor, no tecto do lar paterno e na sombra da árvore dos seus antepassados. Marcharemos ao ado dos homens, como soldados fardados de suor e lama, na machamba, na mina, na fábrica, na construção, e levaremos um beijo de mel à boca de cada criança. Seremos mais ricas de pão e de paixão. Olharemos para os homens com amor verdadeiro e não para as cifras das notas de banco que pendem nos bolsos das calças. Ao lado dos nossos namorados, maridos e amantes, dançaremos de vitória em vitória no *Niketche da vida*. (pág.294)

Essa passagem do romance confirma o desejo dessa reconstrução do papel de gênero, que por outro lado pode ser visto como sendo um confronto à cultura, ao que era considerado meio para manter a ordem social. A história, a política e a economia foram feitas com base na discriminação da mulher, e isso graças aos movimentos feministas está sendo questionado e contestado.

O presente trabalho vai reforçar esse questionamento crítico contra o sistema patriarcal e assim como mostrar a necessidade de transformação de algumas práticas culturais que promovem a desigualdade de gênero em qualquer que seja a sociedade africana, sua mensagem é a da esperança de que passe a promover uma cultura de igualdade e justiça social.

Em homenagem a todas as mulheres que lutam debaixo do sol, da chuva, frio, do calor contra qualquer tipo de opressão ou violência contra as mulheres, trago essa oração tirada do

romance Niketche:

Madre nossa que estais no céu, santificado seja o vosso nome. venha a nós o vosso reino—das mulheres, claro —, venha a nós a tua benevolência, não queremos mais a violência. sejam ouvidos os nossos apelos, assim na terra como no céu. a paz nossa de cada dia nos daí hoje e perdoai as nossas ofensas — fofocas, má-língua, bisbilhotices, vaidade, inveja —assim como nós perdoamos a tirania, traição, imoralidades, bebedeiras, insultos, dos nossos maridos, amantes, namorados, companheiros e outras relações que nem sei nomear. não nos deixeis cair na tentação de imitar as loucuras deles — beber, maltratar, roubar, expulsar, casar e divorciar, violar, escravizar, comprar, usar, abusar e nem nos deixes morrer nas mãos desses tiranos— mas livrai-nos do mal, ámen. (CHIZIANE 2004: 68-69)

Com essa oração podemos perceber a voz de socorro das mulheres moçambicanas contra a opressão colonial e dos homens. Essa voz do coletivo coloca em jogo a questão da religiosidade, onde o Deus considerado homem não olha para os sofrimentos das mulheres. Por isso as mulheres vão criar a possibilidade de que existisse uma Deusa capaz de se identificar com os sofrimentos das mulheres e salvá-las contra as diversas situações de opressões ou de violências que sofrem nas diferentes sociedades durante a história da humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos Todos Feministas**; trad. Christina Baum, editora companhia das letras-2015.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. tradução Denise Bottmann. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BATICÃ, Hélder Duarte. Manual de Igualdade e Equidade de Gênero. **Programa de apoio aos actores não estatais**, Bissau, nov. 2015.

BORDINI, Gloria Da Maria. **Estudos Culturais e Estudos Literários**, editora - Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 11-22, setembro, 2006

CÁ, Cristina Mandau Ocuni. O Internato de Bor: história de uma instituição de formação feminina na Guiné-Bissau. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia et al. (Org.). **História da educação: república escola e religião**. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

CA, Ocuni Lourenço. A educação durante a colonização na Guiné Bissau (1471-1973), **Rev. online Bibl. Prof. Joel Martins**, Campinas, SP, v.2, n.1, out. 2000.

CHIZIANE, Paulina. entrevista (2014). Entrevistadora Milene Matos Silva. Programa de televisão - Literatura, português. Companhia de ideias para RTP.

COSTA, Da S. J. José; “A Educação Segundo Paulo Freire: Uma Primeira Análise Filosófica”; Volume VII – **Número 18 Theoria Revista Eletrônica de Filosofia Faculdade Católica de Pouso Alegre** –Ano 2015 – ISSN 1984-9052.

LORIERI, Marcos Antônio. **Filosofia no ensino fundamental**; São Paulo: Cortez, 2002 (coleção Docência em formação).

GASPAR, Alberto; **A educação formal e a educação informal em ciências**, Rio de Janeiro: Editora Cidade Cultural, 1990.

GODINHO GOMES, Patrícia. As mulheres do sector informal. Experiências da Guiné-Bissau, in Ciclo de encontros sobre o empreendedorismo, **Centro de Recursos de empreendedorismo feminino Alentejo Central** (Portugal), março de 2012.

GOHN, Gloria da Maria; **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**; São Paulo -2006.

OYÉWÚMÍ, Oyérónké. **La Invencion De Las Mujeres. Uma Perspectiva Africana Sobre Os Discursos Ocidentais De Genero**. Cap. I –A Visualização do Corpo: Teorias Ocidentais E Sujeitos Africanos.” Edit. en la frontera- Colombia 2017.

RUBIN, Gayle. **O Tráfico de mulheres notas sobre a economia política do sexo**. tradução: Christine Rufino Dabat, Edileusa Oliveira da Rocha, Sonia Corrêa; ed. SOS; Recife-1993.

SCOTT, Joan. Gênero: **Uma Categoria Útil De Análise Histórica**; Ed. Educação e Realidade - 20(2):71- 99; jul./dez.-1995.

YUSUF BAKARE, Bibi. Além do determinismo: A fenomenologia da existência feminina Africana. Tradução para uso didático de BAKARE-YUSUF, Bibi. Beyond Determinism: The Phenomenology of African Female Existence. **Feminist Africa**, Issue 2, 2003, por Aline Matos da Rocha e Emival Ramos.

CHIZIANE, Paulina. **Nikette: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.